

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

JOSIANE SANTOS DOS SANTOS

**O USO DO CELULAR COMO FERRAMENTA
PEDAGÓGICA PARA PRODUÇÃO DE TEXTOS NAS
AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO
MÉDIO**

**PARINTINS – AM
2025**

JOSIANE SANTOS DOS SANTOS

**O USO DO CELULAR COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA PRODUÇÃO
DE TEXTOS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Letras-Língua Portuguesa para a obtenção do Grau de Licenciado em Letras, pelo Centro de Estudos Superiores de Parintins, da Universidade do Estado do Amazonas – CESP/UEA.

Orientadora: Me. Maria Celeste de Souza
Cardoso

PARINTINS – AM

2025

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

S237u

Santos , Josiane Santos dos

O uso do celular como ferramenta pedagógica para produção de textos nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio / Josiane Santos dos Santos . Manaus : [s.n], 2025.

57 f.: color.; 21,0 cm.

TCC - Graduação em Letras- Licenciatura- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025.

Inclui Anexo.

Orientador: Maria Celeste de Souza Cardoso .

1. Celular . 2. Ferramenta pedagógica . 3. Produção textual . 4. Língua Portuguesa. I. Maria Celeste de Souza Cardoso (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Título

CDU(1997)81

JOSIANE SANTOS DOS SANTOS

**O USO DO CELULAR COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA PRODUÇÃO
DE TEXTOS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa pela
Universidade do Estado do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Licenciado
em Letras.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Me. Maria Celeste de Souza Cardoso (**Presidente** CESP/UEA)

Orientadora

Prof^ª. Dra. Gleidys Meyre da Silva Maia (**Membro** CESP/UEA)

Prof. Me. Auxiliadora Fonseca Machado (**Membro** SEDUC/AM)

PARINTINS-AM

2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me permitiu chegar até aqui, abençoando os dias felizes e também os dias mais difíceis, agradeço a Nossa Senhora do Carmo, nos dias que orei para conseguir algo que parecia impossível.

Agradeço a minha professora e orientadora Maria Celeste Cardoso, por toda ajuda e suporte necessário para que esta pesquisa pudesse ser construída.

Agradeço também aos meus familiares, por sempre me apoiarem em tudo, principalmente me incentivar para sempre buscar algo melhor, obrigada por cada conselho.

Agradeço a minha turma, Let21, que em meio a dias turbulentos, as risadas sempre se fizeram presentes, os intervalos de 1h ficarão marcados, assim como as partidas de UNO.

Por fim, mas não menos importante, agradeço as minhas amigas Thaís Castro, Ana Garcia, Adriene Gonzaga e Emilly Oliveira, todos os dias tiveram mais luz com vocês do lado, obrigada por cada conversa, cada risada, em meio aos medos que uma ou outra apareciam, vocês trouxeram luz para os dias nublados.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe, Rosanleide Santos, que sempre me apoiou, sempre esteve comigo em todos os momentos, és o motivo pelo qual eu nunca desisti, obrigada por tudo que fez por mim, principalmente na minha trajetória acadêmica, sem você, nada disso seria possível.

Dedico ao meu irmão, Renner Santos, que sempre diz que sente muito orgulho de mim, sempre me incentivou e nunca largou a minha mão, todos os meus esforços foram pensando em você, és minha pessoa favorita do mundo todo, meu irmão.

Dedico também, a minha tia Norma (in memoriam), que desde a infância foi a minha inspiração, tanto como professora, como pessoa de alma mais bonita que pude ter ao lado, mesmo que não tenha visto eu ingressar à faculdade, sinto que me abençoou em cada passo que eu dei.

Ao meu avô (in memoriam), que me ensinou o significado de gentileza, por ter sido uma pessoa tão boa quanto o senhor era, mesmo que não tenha visto a escolha da minha profissão, sei que sente orgulho de cada conquista da sua mocinha, como carinhosamente me chamava. Em cada caminho que percorri, senti que sua luz iluminou cada um deles.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo investigar de que forma o celular pode ser utilizado como ferramenta pedagógica para produção de textos nas aulas de Língua Portuguesa. O estudo foi desenvolvido em uma escola pública no município de Parintins/AM, envolvendo duas turmas de 3º ano do Ensino Médio. A pesquisa parte da crescente presença dos dispositivos móveis no cotidiano dos estudantes e da necessidade de integrar essas tecnologias ao ambiente escolar de forma crítica e produtiva. Entre os principais teóricos que fundamentam o estudo, destacam-se Moran (2007), Kenski (2007), Lévy (2010), Melo (2015), Ramos (2015), Marcuschi (2008), e Sartori (2019). A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, juntamente com a pesquisa de campo, com observação direta em sala de aula, bem como aplicação de questionários para os alunos, entrevista com dois professores de Língua Portuguesa, com o gestor e a pedagoga, também foi desenvolvida uma oficina de produção de artigo de opinião com o uso do celular. O trabalho mostrou que o dispositivo móvel se fez eficaz na etapa de pesquisa, revisão e escrita, contribuindo para o desenvolvimento da competência textual. O estudo também apontou que o uso planejado do celular pode favorecer a aprendizagem e tornar as aulas mais colaborativas, dinâmicas e atreladas à realidade dos alunos.

Palavras-chave: Celular. Ferramenta Pedagógica. Produção Textual. Língua Portuguesa.

ABSTRACT

This study aimed to investigate how cell phones can be used as a pedagogical resource for producing texts in Portuguese language classes. The study was developed in a public school in the city of Parintins/AM, involving two classes of 3rd year high school students. The research is based on the growing presence of mobile devices in students' daily lives and the need to integrate these technologies into the school environment in a critical and productive way. Among the main theorists who support the study, Moran (2007), Kenski (2007), Lévy (2010), Melo (2015), Ramos (2015), Marcuschi (2008), and Sartori (2019) stand out. The methodology used was qualitative research, together with field research, with direct observation in the classroom, as well as the application of questionnaires to students, interviews with two Portuguese language teachers, with the manager and the pedagogue, and a workshop for producing opinion articles using cell phones. The study showed that the mobile device was effective in the research, review and writing stages, contributing to the development of textual competence. The study also indicated that planned use of the cell phone can favor learning and make classes more collaborative, dynamic and linked to the students' reality.

Keywords: Cell phone. Pedagogical tool. Textual production. Portuguese language.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I: O USO DO CELULAR COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA PRODUÇÃO DE TEXTOS	12
1.1 Uso das tecnologias móveis na educação	12
1.2 Pesquisas e estudos sobre o uso do celular nas escolas	15
1.3 O que dizem os documentos oficiais sobre o uso do celular nas escolas	19
1.4 O uso do celular como recurso na produção textual nas aulas de Língua Portuguesa	20
CAPÍTULO II: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	24
2.1 Natureza da pesquisa.....	24
2.2 Contexto da pesquisa	24
2.3 Coleta de dados	25
2.4 Análise de dados	27
CAPÍTULO III: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	28
3.1 Aplicação de questionário	28
3.2 Entrevistas com professores e gestão escolar.....	32
3.3 Proposta de oficina.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERENCIAS.....	48
ANEXOS.....	51
ANEXO A.....	52
ANEXO B.....	54
ANEXO C.....	55
ANEXO D.....	56
ANEXO E.....	57

INTRODUÇÃO

As transformações tecnológicas ocorridas nas últimas décadas têm impactado profundamente os modos de ensinar e aprender, desafiando a escola a reavaliar suas práticas pedagógicas e a dialogar com as linguagens digitais que permeiam o cotidiano dos estudantes. Entre essas tecnologias, o celular destaca-se como um dispositivo multifuncional, acessível e amplamente utilizado, especialmente pelos jovens. No entanto, seu uso no ambiente escolar ainda é cercado por dúvidas, resistências e controvérsias.

O trabalho intitulado “O uso do celular como ferramenta pedagógica para produção de textos nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio” parte da inquietação em torno de como as tecnologias móveis, especialmente o celular, podem contribuir para tornar o ensino da escrita mais dinâmico, atrativo e alinhado às práticas cotidianas dos alunos. A proposta não se limita apenas para integrar o celular como mais uma ferramenta, mas compreendê-lo como um suporte que amplia as formas de leitura, de escrita, de pesquisa e de autoria no espaço escolar. Considerando que a produção textual é uma habilidade essencial para a formação acadêmica, profissional e cidadã dos estudantes, refletir sobre estratégias que tornem esse processo mais significativo torna-se uma tarefa urgente. Nesse sentido, a inserção consciente e orientada do celular nas aulas de Língua Portuguesa pode representar uma inovação pedagógica capaz de tornar o ensino da escrita mais atrativo, contextualizado e eficaz.

A escolha por investigar essa temática nasceu da observação da rotina escolar, onde, apesar de os estudantes estarem constantemente conectados, o uso do celular em sala de aula ainda é muitas vezes proibido ou limitado a situações de necessidade. No entanto, essa postura excludente não tem conseguido impedir que os alunos recorram aos dispositivos, ainda que de forma clandestina ou paralela ao conteúdo. Isso evidencia uma lacuna entre o mundo escolar e o mundo vivido, e é justamente nessa lacuna que esta pesquisa pretende atuar, propondo alternativas pedagógicas para transformar o celular de vilão em aliado da aprendizagem.

Como também pela necessidade de modernizar as práticas pedagógicas e torná-las mais próximas da realidade dos estudantes, promovendo um ensino mais dinâmico e conectado com o mundo contemporâneo. Além disso, a produção textual continua sendo uma das competências mais desafiadoras no contexto escolar, exigindo não apenas domínio da norma culta, mas também capacidade de argumentação, organização de ideias e senso crítico. Ao evidenciar uso do celular como apoio nesse processo, a pesquisa pretende contribuir com novas abordagens didáticas que favoreçam o desenvolvimento dessas habilidades de forma

mais comprometida e significativa. Sem deixar de lado o fato de que muitos professores ainda não se sentem preparados para utilizar o celular em sala de aula de forma pedagógica.

Dessa maneira, a pesquisa tem como objetivo principal compreender de que forma o celular pode ser utilizado de maneira estratégica e ética para favorecer a produção textual dos alunos. A partir desse foco, busca-se também apresentar estudos e pesquisas sobre o uso de tecnologias móveis na educação, com ênfase na produção de textos; examinar as metodologias adotadas por professores de Língua Portuguesa; identificar estratégias pedagógicas que favoreçam o uso efetivo do celular no processo de ensino da escrita; e, por fim, propor uma oficina didática que integre o celular como ferramenta no ensino do gênero artigo de opinião, valorizando a autoria e a argumentação dos estudantes. Ao apresentar os resultados de uma oficina prática e as percepções dos alunos e professores sobre o uso do celular, o estudo pretende contribuir com reflexões e estratégias concretas que possam ser aplicadas por educadores em diferentes contextos escolares.

A pesquisa se orienta pela seguinte questão norteadora: de que forma o celular pode ser utilizado como ferramenta pedagógica para produção de textos nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio? Esta questão surge da percepção de que a escrita, embora valorizada nos documentos oficiais e nos exames educacionais, muitas vezes é tratada de forma desmotivadora em sala de aula, distanciando-se das práticas reais dos alunos.

A relevância do estudo está na possibilidade de contribuir com práticas pedagógicas que considerem o contexto digital em que os alunos estão inseridos. Em um cenário no qual o desinteresse pela escrita é recorrente, sobretudo quando ela é apresentada de forma descontextualizada, o uso do celular surge como uma alternativa para aproximar os estudantes do ato de escrever. Não se trata de abandonar os métodos tradicionais, mas de dialogar com outras formas de construir sentido, de produzir textos e de interagir com o mundo. Além disso, a proposta se alinha às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que enfatiza o uso ético, crítico e significativo das tecnologias no processo de ensino-aprendizagem. A relevância desta investigação também se apoia nos documentos oficiais que orientam a educação básica brasileira. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) destaca o letramento digital como uma das competências gerais a serem desenvolvidas na escola, enfatizando o uso crítico, criativo e ético das tecnologias. Essa diretriz implica a importância de integrar os dispositivos digitais ao currículo escolar, não como elementos de distração, mas como ferramentas de mediação do conhecimento. Paralelamente, o Plano Nacional de Educação (PNE) e outras normativas estaduais e municipais vêm discutindo a

necessidade de formação docente e infraestrutura adequada para que essas práticas sejam efetivas.

Para fundamentar a pesquisa, foram utilizados autores como Lévy (2010), o qual discute a cultura digital e suas implicações na construção do conhecimento, e Moran (2007), que aborda a necessidade de repensar a educação diante das novas tecnologias. Kenski (2007), Duque et al. (2023) e Melo (2015) também são referências importantes no campo da inovação pedagógica com uso de tecnologias móveis. No que diz respeito à produção textual e ao ensino da escrita, os aportes teóricos de Koch (1989), Marcuschi (2008), Freire (1996), Cosson (2014) e Sartori (2019) foram essenciais para compreender a escrita como prática social e crítica.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com base na análise interpretativa de dados obtidos em campo. O estudo foi realizado em uma escola pública do município de Parintins-AM, contando com a participação de duas turmas do 3º ano do Ensino Médio e dois professores de Língua Portuguesa, bem como gestor e pedagoga da escola. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados incluíram observações em sala de aula, aplicação de questionários, entrevistas com professores e gestor, e a realização de uma oficina de produção textual, utilizando o gênero artigo de opinião. Durante a oficina, os alunos foram instruídos a usar o celular para realizar pesquisas, revisar seus textos, consultar dicionários online e interagir com os colegas.

A estrutura deste trabalho está organizada em três capítulos. O primeiro capítulo, de natureza teórica, discute o uso das tecnologias móveis na educação, o papel do celular no contexto escolar, e a produção textual como prática formativa. O segundo capítulo apresenta os caminhos metodológicos seguidos na pesquisa, detalhando o tipo de abordagem, o contexto da investigação, os participantes, os instrumentos utilizados e os critérios éticos. Já o terceiro capítulo dedica-se à análise dos dados coletados, buscando compreender como o uso do celular impactou a produção textual dos estudantes e quais foram as percepções dos envolvidos sobre essa experiência pedagógica. Por fim, nas considerações finais, são retomadas as principais contribuições do estudo e sugeridas possibilidades de continuidade e aprofundamento do tema em outras pesquisas e práticas docentes.

Assim, este trabalho nasce do desejo de compreender e contribuir para um ensino mais dialógico, contemporâneo e significativo, que reconheça o celular não como obstáculo, mas como ponte entre o mundo digital e o universo da sala de aula um elo possível entre o cotidiano dos estudantes e o saber escolar.

CAPÍTULO I: O USO DO CELULAR COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA PRODUÇÃO DE TEXTOS

1.1 Uso das tecnologias móveis na educação

Com o avanço da era digital, o uso de tecnologias móveis na educação tornou-se um aspecto central nas discussões sobre inovação pedagógica. Segundo Kenski (2007), vivemos em uma sociedade profundamente marcada pela conectividade e pela velocidade da informação, o que exige novas formas de ensinar e aprender. A presença de dispositivos como smartphones e tablets no ambiente escolar é reflexo direto dessas transformações sociais e culturais. Para a autora, a tecnologia vai além da função instrumental: ela altera comportamentos, modos de pensar e interações sociais, o que a torna indispensável na construção de práticas educativas contemporâneas. Assim, o uso dessas ferramentas no processo de ensino-aprendizagem não deve ser visto como um simples modismo, mas como parte de uma reconfiguração mais ampla do papel da escola na formação dos sujeitos.

Dentre essas tecnologias, o celular tem se destacado como uma ferramenta de grande potencial pedagógico, desafiando paradigmas tradicionais e incentivando a criação de novas estratégias educacionais, estes objetos tecnológicos vêm se tornando cada vez mais populares entre os jovens, adolescentes e adultos, inclusive das classes sociais menos favorecidas, diante disso, destaca-se:

A introdução de tecnologias na educação objetiva proporcionar o desenvolvimento e a melhoria da qualidade do ensino, através de instrumentos interativos que auxiliem no processo ensino-aprendizagem. Tais tecnologias, quando integradas ao contexto escolar, representam mais do que a simples adoção de ferramentas digitais; elas implicam uma resignificação das práticas pedagógicas, visando atender às novas demandas de um mundo cada vez mais globalizado e conectado. (Voigt et al., 2010, p. 9).

A trajetória das tecnologias móveis reflete a constante busca humana por formas de comunicação mais rápidas, práticas e acessíveis, o que culminou em uma evolução notável nas últimas décadas. Inicialmente restritos a funções simples como chamadas e envio de mensagens, os celulares transformaram-se em dispositivos multifuncionais, capazes de integrar imagem, som, texto e conectividade em tempo real. Com a inserção de câmeras, acesso à internet e uma diversidade crescente de aplicativos, esses aparelhos tornaram-se ferramentas robustas para a comunicação, a produção de conteúdo e o acesso ao conhecimento. Nesse sentido, Lévy (1999) observa que as tecnologias de telecomunicação, como o telefone e a internet, ampliaram de maneira significativa as possibilidades de contato entre pessoas em diferentes partes do mundo, promovendo trocas de saberes e construindo um cenário de interações mais colaborativas e culturalmente enriquecedoras.

Segundo Leffa et al. (2018), o surgimento do smartphone pode ser considerado a maior revolução da escrita na sociedade contemporânea, uma vez que trouxe a necessidade de reconfigurar o texto para caber em telas estreitas, promovendo novas formas de significação através de imagens animadas, gifs, emojis e stickers.

A introdução das tecnologias digitais na educação ocorreu de forma gradual e continua em processo de consolidação. No entanto, apesar do crescimento no uso desses recursos, sua adoção efetiva ainda encontra barreiras no ambiente escolar. Conforme apontam Sousa et al. (2011), muitos professores e estudantes demonstram resistência ao uso das tecnologias educacionais, principalmente devido à exigência de um conhecimento básico em informática, que nem todos dominam.

Essa limitação técnica soma-se ao receio comum entre educadores de que dispositivos como celulares e computadores causem dispersão ou sejam utilizados de maneira inadequada durante as aulas. Assim, embora as tecnologias tenham se tornado mais presentes, sua integração pedagógica ainda depende de formação, suporte e mudanças de postura por parte dos envolvidos no processo educativo. No entanto, o avanço das metodologias ativas e a inclusão de propostas pedagógicas baseadas na tecnologia mostram que, quando bem orientado, o uso do celular pode ser altamente benéfico.

As Metodologias Ativas buscam colocar o aprendiz no centro do processo pedagógico, estimulando-o a teorizar a prática enquanto pratica a teoria, ampliando-se com a chegada das tecnologias digitais de informação e comunicação (Leffa et. al., 2018). O celular permite uma interação mais próxima com o conhecimento e promove um aprendizado personalizado, conectado às demandas e aos interesses dos alunos. Além disso, a possibilidade de interagir por meio de ferramentas tecnológicas implica rever todos os papéis no processo de ensino-aprendizagem, promovendo a autonomia do aluno e uma nova relação com o conhecimento (Sousa et. al., 2011).

A utilização das tecnologias móveis no espaço educacional apresenta-se como uma resposta às necessidades dos educandos que convivem cotidianamente com as redes sociais digitais. Os celulares, por exemplo, possibilitam aos alunos não apenas acessar informações em tempo real, mas também colaborar, criar e compartilhar conteúdo em diversos formatos. Essa prática ressignifica o ensino e o aprendizado, promovendo uma alfabetização cultural que dialoga com as complexidades do mundo digital contemporâneo. (Fava, 2014, p. 165)

Os benefícios do uso das tecnologias móveis na educação têm sido amplamente discutidos por especialistas. Segundo José Manuel Moran (2007), essas tecnologias ampliam as possibilidades de acesso à informação e flexibilizam o processo de aprendizagem, permitindo que os estudantes aprendam “em qualquer lugar, a qualquer hora, com tecnologias

móveis poderosas, instantâneas, integradas, acessíveis” (p. 37). Essa flexibilidade favorece tanto a autonomia quanto a personalização do ensino, pois atividades e conteúdos podem ser adaptados ao ritmo e às necessidades de cada aluno. Além disso, Moran destaca que o uso das tecnologias digitais pode estimular a aprendizagem colaborativa, promovendo o trabalho em equipe e o desenvolvimento de habilidades comunicativas essenciais para o mundo contemporâneo.

Conforme Duque et al. (2023) estabelecem, o aprendizado móvel, ao incorporar dispositivos como smartphones e tablets, oferece uma flexibilidade e mobilidade intrínsecas, permitindo o acesso ao conhecimento em qualquer momento e lugar. Esta característica fundamental alinhamento integral às demandas da sociedade contemporânea, evidenciando o potencial transformador do celular no contexto educacional. Considerando que o celular é um aparelho de ampla utilização e acessibilidade, notadamente entre os jovens, ele possibilita a inclusão de um maior número de estudantes nos processos de aprendizagem, mesmo em ambientes com infraestrutura tecnológica deficiente.

Além disso, o celular se estabelece como uma ferramenta multifuncional, que transcende o mero consumo de conteúdo educativo em vídeo e áudio, permitindo a criação ativa de produções textuais, projetos multimídia e apresentações. Sua utilização, nesse contexto, também possibilita o desenvolvimento de habilidades digitais crucialmente importantes para o mercado de trabalho do século XXI. De fato, como reforçam Duque et al. (2023), a integração de aplicativos educacionais em dispositivos móveis não apenas favorece intrinsecamente o desenvolvimento dessas habilidades digitais, mas também estimula uma abordagem pedagógica mais interativa e personalizada, culminando em um processo de ensino-aprendizagem dinâmico e adaptado às necessidades individuais dos estudantes.

As tecnologias digitais de informação e comunicação têm transformado drasticamente a sociedade em todas as suas dimensões, incluindo a educação. A hiperconexão e a disponibilidade de acesso a conteúdo têm mudado a forma como as pessoas obtêm informações e aprendem, criando um novo tecido social global. Redes sociais online, tecnologias móveis, realidades mistas e plataformas multimídia são algumas das inovações que ampliam o cenário da interação e da aprendizagem no século XXI. (Lévy, 2010, p. 181)

Outro ponto relevante é que o uso do celular pode tornar o aprendizado mais comprometido, conforme destacam Schlemmer e Schuster (2017), o uso de dispositivos móveis e estratégias de gamificação favorece a interação e o envolvimento dos estudantes, promovendo um aprendizado mais ativo e participativo. Aplicativos educativos, jogos interativos e plataformas de redes sociais, quando integrados de forma criativa ao currículo escolar, transformam o ensino em uma experiência mais dinâmica e significativa para os

estudantes. Essas práticas aumentam a motivação dos alunos, que passam a enxergar a educação como algo mais próximo da sua realidade e conectado ao uso cotidiano das tecnologias. Entretanto, para que os benefícios do celular na educação sejam plenamente aproveitados, é essencial que os professores recebam formação continuada que os capacite a utilizar essas tecnologias de forma eficaz e ética. Segundo Moran (2015), a capacitação docente é fundamental para a integração bem-sucedida de recursos tecnológicos no ensino. Além disso, é importante a criação de políticas claras sobre o uso do celular em sala de aula, para garantir que ele seja uma ferramenta de aprendizado e não um elemento de distração, bem como aborda Gabriel (2013, p. 10):

O professor exerce um papel essencial neste novo mundo digital, não mais como um provedor de conteúdos, mas funcionando como um catalisador de reflexões e conexões para seus alunos nesse ambiente mais complexo, que também é mais rico e poderoso. A era digital requer novas habilidades tanto dos estudantes quanto dos professores e educadores.

O uso das tecnologias móveis, com destaque para o celular, na educação representa uma oportunidade de transformar o ensino e torná-lo mais inclusivo, criativo e conectado às demandas do mundo contemporâneo. Assim, o uso do celular na educação mostra que é possível ensinar de forma mais conectada com o dia a dia dos alunos. Quando utilizado com consciência e intencionalidade, ele deixa de ser visto apenas como distração e passa a ser uma ferramenta valiosa para tornar o aprendizado mais participativo, criativo e atual.

1.2 Pesquisas e estudos sobre o uso do celular nas escolas

O uso do celular na produção textual em Língua Portuguesa tem sido cada vez mais explorado como recurso pedagógico, principalmente por sua presença constante na rotina dos estudantes. De acordo com Santos (2020), ao ser inserido em práticas de ensino voltadas à escrita, o celular se mostra eficaz no desenvolvimento do vocabulário e na ampliação das competências linguísticas, especialmente quando os alunos são orientados a utilizá-lo de forma consciente e direcionada. Nesse mesmo sentido, Araújo; Nepomuceno; Vasconcelos (2024) afirmam que a integração planejada do celular nas aulas de Língua Portuguesa contribui para tornar as atividades mais dinâmicas e significativas, favorecendo a participação ativa dos estudantes e aproximando o conteúdo escolar do seu cotidiano. Assim, o celular deixa de ser apenas um elemento de distração e passa a ocupar um lugar estratégico no processo de ensino-aprendizagem, desde que seu uso esteja alinhado a objetivos pedagógicos claros.

Pesquisas recentes revelam que o celular permite uma interação mais dinâmica e colaborativa no processo de escrita. Segundo Paixão e Mafra (2012), as redes sociais desempenham um papel significativo na produção textual dos alunos, promovendo práticas colaborativas e ampliando as possibilidades de expressão escrita. Além disso, a utilização de redes sociais e aplicativos de comunicação como canais para produção textual aproxima os estudantes de práticas que já fazem parte de suas rotinas, tornando o ato de escrever mais natural e significativo. Nesse contexto, Paixão e Mafra (2012) destacam que as redes sociais oferecem um ambiente propício para o desenvolvimento de competências discursivas, permitindo que os alunos se expressem de forma mais autêntica e contextualizada.

O trânsito entre diferentes registros linguísticos, desde os mais informais até os mais formais, emerge como um aspecto a ser trabalhado, promovendo a ampliação do domínio da Língua Portuguesa. De acordo com Ribeiro e Aragão (2017), os sites de redes sociais podem fortalecer o ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa, favorecendo o processo de multiletramentos e a compreensão das variações linguísticas. O uso do celular como ferramenta pedagógica no ensino de Língua Portuguesa revela-se um campo de grande relevância na atualidade, considerando as transformações trazidas pela era digital. Conforme destacado pelo Ministério da Educação (MEC, 2025), a integração de tecnologias no ambiente educacional deve considerar o contexto sociocultural e as características dos estudantes, garantindo que as ferramentas digitais dialoguem com as suas realidades e ampliem as possibilidades de aprendizado.

Pesquisas como a de Fabíola Melo e reflexões de autores como José Manuel Moran evidenciam como as tecnologias podem ser integradas ao ambiente escolar, promovendo inovações pedagógicas que transformam o processo de ensino-aprendizagem. Fabíola Melo destaca a importância de superar o modelo tradicional de ensino e aponta que:

O desafio dos profissionais de educação é manter-se atualizado sobre as novas metodologias de ensino e desenvolver práticas pedagógicas eficientes [...]. Os professores, por sua vez, devem vencer o desafio imposto pela era digital, reconhecendo-a como uma nova forma de lidar com o conhecimento. (Melo, 2015 p. 12).

Nesse sentido, o uso do celular na produção textual aproxima os alunos de práticas que fazem parte de seu cotidiano, tornando o aprendizado mais significativo e conectado com a realidade tecnológica. Além disso, a pesquisa de Melo reforça que "a inserção das TICs no ensino muda o papel do educador de 'transmissor de informação' para mediador na construção do conhecimento, provocador de situações, respeitando os diversos saberes" (Melo, 2015, p. 20). Essa perspectiva é crucial, pois o celular não é apenas um recurso

técnico, mas uma ferramenta que permite aos estudantes transitarem entre diferentes registros linguísticos, além de estimular a criatividade e a autonomia no processo de escrita.

José Manuel Moran também sublinha a necessidade de mudanças estruturais na educação, enfatizando que "ter acesso contínuo ao digital é um novo direito de cidadania plena. [...] Escolas não conectadas são escolas incompletas, mesmo quando didaticamente avançadas" (Moran, 2007 p. 22). Essa reflexão é essencial para compreender como o celular pode ser um aliado na democratização do ensino e na ampliação das oportunidades de aprendizado, especialmente em contextos em que a inclusão digital ainda é um desafio.

A integração consciente e planejada das tecnologias móveis, como o celular, tem se mostrado uma estratégia eficaz para potencializar o ensino de Língua Portuguesa. Ao transformar o ambiente escolar em um espaço mais dinâmico e conectado à realidade dos alunos, essas ferramentas contribuem tanto para o aprimoramento técnico da escrita quanto para o desenvolvimento de competências críticas e reflexivas. Nesse sentido, Hino (2019, p. 1) destaca que o uso do celular na educação “coloca o aluno em uma posição mais ativa e responsável por sua própria aprendizagem, promovendo oportunidades de aprendizagem individualizada, colaborativa e informal”.

No entanto, apesar das potencialidades, o uso do celular ainda enfrenta desafios no contexto escolar. A ausência de formação específica para os docentes e a percepção de que os dispositivos podem causar distrações dificultam sua plena integração. Martin e Toschi (2014, p.1) reforçam essa análise ao afirmarem que, para que o celular seja efetivamente incorporado ao ensino, é essencial “ter gestores capacitados, professores bem formados e escolas com condições adequadas”. Além disso, é fundamental orientar os estudantes quanto ao uso apropriado da linguagem, distinguindo os registros informais usados nas redes sociais da norma padrão exigida em contextos formais, garantindo assim que a tecnologia favoreça, de fato, o desenvolvimento da escrita.

Alunos que participam de atividades que integram o celular à produção textual mostram maior desempenho e interesse pelo processo de escrita, percebem que suas produções podem alcançar um público real, como colegas e professores, o que dá mais significado às suas criações. Isso vai ao encontro das diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), que enfatiza a formação de estudantes críticos, autônomos e aptos a atuar na sociedade contemporânea. Quando o celular é utilizado para estimular a pesquisa, a revisão textual e a adaptação do discurso ao público-alvo, ele se torna um recurso poderoso para alcançar esses objetivos.

Tema também investigado por Gisele Brancher Ramos, intitulado “O uso do celular como ferramenta pedagógica em sala de aula” revela-se uma contribuição significativa para o campo da educação, especialmente em contextos contemporâneos marcados pela presença constante da tecnologia no cotidiano dos estudantes. Em sua pesquisa, Ramos argumenta que “a escola nos moldes tradicionais precisa ser repensada e evoluir com a sociedade” (2015, p. 9), apontando para a necessidade de integrar dispositivos móveis como recursos de ensino.

A autora destaca que "os celulares deixaram de ser simples telefones e passaram a ter diversas funções como gravar vídeos, tirar fotos, acessar a internet e utilizar softwares educacionais", o que os torna ferramentas dinâmicas e ambientais indispensáveis no processo de ensino-aprendizagem (p. 21). Contudo, a resistência por parte de muitos professores ainda é um desafio. Embora "todos os professores acreditem ser possível o uso do celular em sala de aula, apenas 56,7% já fizeram essa experiência" (p. 27). Esses dados evidenciam o conflito entre a percepção de potencialidade do recurso e a prática eficaz de utilizá-lo em sala.

O trabalho também aponta o protagonismo dos estudantes no uso dessas tecnologias. Ramos observa que, quando orientados de forma adequada, os alunos demonstram grande interesse e autonomia no desenvolvimento de atividades pedagógicas mediadas pelo celular, como na criação de infográficos e pesquisas em sala de aula (p. 34). Tais atividades reforçam a importância de transformar o celular, frequentemente visto como distração, em um aliado no ensino, integrando habilidades técnicas e reflexivas ao processo de aprendizagem.

Por fim, a pesquisa de Gisele ressalta que "a solução não é proibir, mas buscar alternativas, atividades planejadas com objetivos bem definidos e acordados com os alunos" (p. 41). Essa abordagem não apenas promove um ensino mais conectado às vivências dos estudantes, como também atende à demanda contemporânea de preparação de jovens para a realidade digital. Ramos conclui que "o celular pode e deve ser utilizado com orientação do professor, garantindo espaços para criatividade e autonomia" (p. 41), contribuindo para uma educação mais significativa e transformadora

Quando integrado de forma planejada e consciente ao ensino de Língua Portuguesa, o celular pode transformar a produção textual em uma prática mais interativa e alinhada às realidades dos estudantes. Segundo Costa (2019), "os aplicativos de celular podem contribuir significativamente para o aprimoramento das produções textuais de alunos do ensino médio, permitindo ao educando ter acesso a novas formas de aprender com mais autonomia e criticidade". Assim, o celular deixa de ser apenas um objeto de distração e se torna um instrumento essencial para formar escritores mais competentes e reflexivos, capazes de se comunicar com eficácia e criatividade em diferentes contextos.

1.3 O que dizem os documentos oficiais sobre o uso do celular nas escolas

Nos últimos anos, a incorporação das tecnologias digitais na educação tem sido amplamente discutida em documentos oficiais, os quais reforçam a importância de integrar essas ferramentas ao processo de ensino-aprendizagem. O celular, antes visto como um elemento de distração, ganhou destaque como potencial recurso pedagógico, especialmente no contexto do ensino médio. Contudo, essa mudança de paradigma requer atenção às diretrizes educacionais, que oferecem orientações para um uso consciente e produtivo.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), principal documento normativo que rege a educação básica no Brasil, enfatiza a necessidade de preparar os alunos para as demandas do século XXI. Nesse contexto, a BNCC (2018) destaca o letramento digital como uma das competências gerais a serem desenvolvidas. O uso do celular é implicitamente contemplado, sendo indicado como uma ferramenta que pode ampliar o acesso à informação, promover a colaboração e estimular a autoria de conteúdo. A competência número cinco da BNCC, que trata da “cultura digital”, sugere que os alunos devem ser capazes de utilizar tecnologias de forma crítica, ética e criativa, ou que incluam o uso de celulares em práticas pedagógicas inovadoras.

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (Brasil, 2018, p. 9)

Outro documento relevante é o Plano Nacional de Educação (PNE), que, embora não mencione diretamente o celular, reforça a importância de integrar as tecnologias de informação e comunicação (TICs) ao ensino. O PNE (2023) propõe metas relacionadas à inclusão digital nas escolas e à formação continuada de professores para que utilizem recursos tecnológicos em sala de aula, apontando a necessidade de aproveitar as tecnologias já disponíveis, como os celulares.

No âmbito estadual e municipal, diversas secretarias de educação elaboraram resoluções específicas sobre o uso do celular nas escolas. Em São Paulo, por exemplo, a Secretaria da Educação estabeleceu diretrizes com base na Lei Estadual nº 18.058/2024, que regulamenta o uso de celulares nas unidades escolares, permitindo sua utilização apenas com fins pedagógicos, sob orientação docente e planejamento prévio (São Paulo, 2024). Já em nível federal, a Lei nº 15.100/2025 autoriza o uso de dispositivos eletrônicos para fins educacionais, desde que seja orientado pelos profissionais da educação, reconhecendo também os riscos do uso inadequado, como o impacto na saúde mental e o aumento da

distração dos alunos (Brasil, 2025). Esses documentos reforçam a necessidade de políticas claras que transformem o celular em um aliado pedagógico, ao mesmo tempo em que alertam para desafios como a desigualdade no acesso, a falta de infraestrutura e questões como o cyberbullying. Diante disso, os órgãos educacionais recomendam a implementação de estratégias para o uso ético e responsável da tecnologia nas escolas. Além disso, o Guia de Tecnologia da Educação (2008), publicado pelo Ministério da Educação (MEC), aponta o celular como uma ferramenta de apoio à personalização do ensino e ao desenvolvimento de competências como a autonomia e a autoria. O guia ressalta que os professores precisam de formação continuada para aproveitar o potencial pedagógico do celular, de modo a criar práticas que engajem os alunos e contribuam para uma aprendizagem significativa.

Assim, os documentos oficiais confirmam que o uso do celular na sala de aula é uma realidade que precisa ser corrigida e mediada. Eles não apenas incentivam o uso responsável dessa tecnologia, mas também reforçam a necessidade de apoio institucional para garantir que todos os alunos tenham acesso equitativo aos benefícios proporcionados pelas TICs. A abordagem do celular como ferramenta pedagógica, portanto, deve estar alinhada às metas educacionais, considerando as especificidades de cada contexto escolar e as demandas contemporâneas do processo educacional.

1.4 O uso do celular como recurso na produção textual nas aulas de Língua Portuguesa

A discussão sobre o uso do celular em sala de aula ganhou um novo capítulo no Brasil com a Lei nº 15.100/2025, sancionada em janeiro de 2025. Essa legislação estabelece a proibição do uso de celulares e outros dispositivos eletrônicos por alunos da educação básica, abrangendo desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, em todas as escolas, sejam elas públicas ou privadas. A medida se aplica durante as aulas, no recreio e nos intervalos, marcando uma tentativa de redefinir o ambiente escolar na era digital.

Um dos principais impulsionadores dessa lei é a busca por melhorar a concentração e o foco dos alunos. A presença constante do celular tem sido apontada como uma das maiores fontes de distração, dificultando a assimilação do conteúdo e o desempenho acadêmico. Com a restrição, espera-se que a atenção dos estudantes seja direcionada para o professor e para a matéria, otimizando o tempo em sala de aula. Além disso, a proibição visa a estimular a interação social entre os estudantes. Ao afastar as telas durante os intervalos, a lei incentiva a comunicação face a face, o brincar e a socialização, aspectos cruciais para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais.

Há também a expectativa de que a medida contribua para a redução da ansiedade e do estresse associados ao uso excessivo de redes sociais e à exposição constante a conteúdo online, buscando criar um ambiente escolar mais saudável e menos propenso ao cyberbullying e à disseminação de materiais impróprios. Porém é fundamental destacar que a lei prevê exceções. O uso de celulares e dispositivos eletrônicos é permitido para fins pedagógicos ou didáticos, desde que sob a orientação e supervisão dos professores. Isso significa que, em momentos específicos e planejados, o celular pode ser integrado ao plano de aula para pesquisas, acesso a aplicativos educativos ou produção de conteúdo multimídia, como já acontecia em muitas práticas inovadoras. Além disso, são consideradas exceções as situações de perigo, necessidade ou força maior, bem como o uso de tecnologias de acessibilidade para alunos com necessidades especiais e comunicações familiares em emergências.

O uso do celular como recurso pedagógico nas aulas de Língua Portuguesa tem se mostrado uma estratégia inovadora e eficaz, especialmente na produção textual. Esse dispositivo, amplamente acessível aos estudantes, oferece uma série de possibilidades para dinamizar o ensino, integrando tecnologia e criatividade ao processo de aprendizagem. Ao incorporar o celular no cotidiano escolar, o professor pode transformar a prática da escrita em uma experiência mais interativa e engajante. Nesse contexto, Matos e Souza (2021, p; 91) destacam que "os jovens, atualmente, são usuários assíduos dessa ferramenta digital, e a escola não pode ser considerada uma armação de concreto que não acompanha a evolução que marca a sociedade". Além disso, Garcia e Alexandre (2020, p.2) ressaltam que "é importante articular o ensino a situações significativas, objetivando maximizar os multiletramentos, a leitura e a escrita", evidenciando o potencial do celular para subsidiar práticas de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa.

Segundo Abdon e Pessoa (2008), a compreensão e produção de textos envolvem diferentes dimensões de organização, e o uso de tecnologias pode contribuir para a construção de sentidos no processo de escrita. Assim, ao utilizar o celular como ferramenta educacional, os estudantes desenvolvem sua competência textual de maneira mais dinâmica, pois exploram múltiplas linguagens e recursos digitais que enriquecem sua produção textual.

Entre os benefícios do uso do celular está a facilidade de acesso a ferramentas digitais, como aplicativos de edição de texto, dicionários online e plataformas de colaboração, como o Google Docs. Esses recursos permitem que os alunos escrevam, revisem e compartilhem seus textos de forma prática e imediata, promovendo maior autonomia no desenvolvimento da escrita. Além disso, o celular possibilita a realização de pesquisas rápidas, ampliando o repertório dos estudantes e enriquecendo suas produções com informações mais relevantes e

atualizadas. Nesse contexto, Riffel (2019, p. 58) destaca que “os aplicativos de celular podem contribuir significativamente para o aprimoramento das produções textuais de alunos do ensino médio, permitindo ao educando ter acesso a novas formas de aprender com mais autonomia e criticidade.” Como destaca Koch (1989), a produção textual não se dá apenas pelo domínio da norma culta, mas também pelo desenvolvimento da capacidade de organizar ideias e estruturar argumentos de forma coesa e coerente.

Outro aspecto importante é o estímulo à criatividade proporcionado pelo uso do celular. A integração de multimídia no processo de escrita, como imagens, áudios e vídeos, abre espaço para que os alunos explorem formas diversas de expressão, criando textos mais ricos e conectados com a realidade digital em que estão inseridos. Como ressalta Menezes (2021, p. 45), “o uso do celular como recurso didático contribui para tornar o processo de aprendizagem mais dinâmico e participativo, desenvolvendo nos estudantes competências importantes para o século XXI”. Dessa forma, essa abordagem desperta o interesse dos estudantes e também os prepara para os desafios de comunicação em um mundo cada vez mais tecnológico. Nesse sentido, conforme aponta Marcuschi (1983), a textualidade está intrinsecamente ligada à interação social e ao contexto em que o texto é produzido, e as tecnologias digitais ampliam essas possibilidades.

Apesar das inúmeras vantagens, é necessário estar atento aos desafios que o uso do celular pode trazer. A gestão do tempo e do foco durante as atividades deve ser bem orientada para evitar distrações que possam comprometer os objetivos pedagógicos. Segundo Lopes e Pimenta (2017, p. 60), “o uso do celular em sala de aula é um dos temas que tem causado bastante polêmica entre profissionais da educação”, destacando que, embora possa ser uma ferramenta pedagógica, seu uso inadequado pode levar à distração dos alunos.

Além disso, é essencial abordar questões como o uso ético das tecnologias, garantindo que os alunos entendam a importância da originalidade e do respeito aos direitos autorais em suas produções textuais. Conforme Silva e Santos (2020, p. 5), “o usuário deve ser informado de maneira clara e objetiva sobre seus direitos e obrigações a respeito dos direitos do autor, do tipo de licença de uso, das permissões e restrições no uso do objeto de aprendizagem”, enfatizando a necessidade de orientação quanto ao uso ético das tecnologias na educação.

O professor também deve buscar estratégias para minimizar desigualdades tecnológicas, garantindo que todos os alunos tenham acesso a ferramentas digitais acessíveis e eficientes. De acordo com Souza et al. (2025, p. 3), “a falta de acesso à tecnologia tem perpetuado e ampliado as disparidades educacionais, bem como identificar estratégias e

políticas públicas que possam contribuir para a redução dessas lacunas", evidenciando as disparidades no acesso à tecnologia e seus impactos na equidade educativa.

Como enfatiza Freire (1996), "por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensar criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática".

Portanto, o uso do celular como recurso na produção textual nas aulas de Língua Portuguesa representa uma oportunidade significativa de aliar tecnologia e educação, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais atraente e eficaz. Quando utilizado de forma planejada e consciente, o celular pode potencializar a escrita, promover a criatividade e preparar os estudantes para os desafios da comunicação contemporânea. Dessa forma, a escola acompanha as transformações tecnológicas da sociedade e contribui para a formação de cidadãos críticos e preparados para interagir com as diversas linguagens presentes no mundo digital.

CAPÍTULO II: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Natureza da pesquisa

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, uma vez que busca explorar um fenômeno complexo e subjetivo: o uso do celular como recurso pedagógico no Ensino Médio. A abordagem qualitativa é especialmente adequada para analisar as interações, percepções e práticas relacionadas a essa tecnologia, que variam de acordo com o contexto escolar, os recursos disponíveis e as particularidades de professores e alunos. Tal abordagem permitiu compreender as potencialidades e os desafios da integração do celular no ensino da Língua Portuguesa, com foco na produção textual.

Segundo Marconi e Lakatos (2017, p. 200), “a pesquisa qualitativa é adequada para o estudo de fenômenos sociais, pois busca compreender a complexidade dos comportamentos humanos em seu ambiente natural, considerando os significados que os indivíduos atribuem às suas ações”. Destaca-se, ainda, a Lei nº 15.100/2025, sancionada em 13 de janeiro de 2025, que estabelece novas diretrizes para o uso de celulares e demais dispositivos eletrônicos portáteis nas escolas brasileiras. De acordo com a legislação, o uso desses aparelhos está proibido durante as aulas, bem como nos momentos de intervalo e recreação. Contudo, o texto legal prevê exceções relevantes, permitindo o uso dos dispositivos para fins pedagógicos, desde que devidamente autorizados e orientados pelos profissionais da educação. Ademais, a utilização é permitida em situações relacionadas à acessibilidade, inclusão, saúde ou à garantia de direitos fundamentais dos estudantes.

2.2 Contexto da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma escola pública de Ensino Médio localizada no município de Parintins/AM, escolhida devido à relevância do tema no contexto educacional local, onde a utilização de recursos tecnológicos nem sempre está plenamente integrada ao processo pedagógico. A escola selecionada oferece ensino fundamental II e médio, funcionando em regime integral.

Participaram da pesquisa dois professores de Língua Portuguesa e duas turmas do 3º ano, cada uma com aproximadamente 25 a 26 alunos. A seleção foi intencional, contemplando participantes que já utilizavam ou estavam dispostos a utilizar o celular como recurso em suas aulas. As turmas foram escolhidas por já integrarem, em alguma medida, o uso do celular em atividades pedagógicas.

2.3 Coleta de dados

Esta pesquisa possui natureza qualitativa, pois visa compreender práticas pedagógicas relacionadas ao uso do celular no processo de ensino e aprendizagem da produção textual, buscando interpretar significados, estratégias e percepções dos sujeitos envolvidos. De acordo com Marconi e Lakatos (2017, p. 270), a abordagem qualitativa permite “um estudo mais aprofundado do comportamento dos indivíduos e dos grupos”, sendo adequada para investigações educacionais de natureza interpretativa.

O método de abordagem utilizado foi o indutivo, pois a análise partiu da observação de situações concretas como a prática em sala de aula, os resultados da oficina e os dados coletados nos questionários para, a partir desses elementos particulares, refletir e tirar conclusões mais amplas sobre o uso pedagógico do celular.

Quanto ao método de procedimento, adotou-se o estudo de caso, uma vez que o foco da investigação foi uma realidade específica: duas turmas do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública, em atividades relacionadas à escrita de textos com apoio tecnológico. Segundo Marconi e Lakatos (2017, p. 271), o estudo de caso permite “analisar profunda e extensivamente uma ou poucas unidades, a fim de conhecer bem sua realidade”.

A pesquisa caracteriza-se ainda como exploratória e descritiva quanto aos fins. É exploratória porque busca ampliar a compreensão sobre o uso do celular na escrita escolar, um tema ainda pouco discutido no contexto investigado. É descritiva porque visa registrar e analisar, com riqueza de detalhes, as experiências pedagógicas observadas. Quanto aos meios, a pesquisa é de campo, por envolver coleta de dados direta na escola, e bibliográfica, por se apoiar em autores que fundamentam teoricamente a relação entre tecnologia e educação.

Foram utilizadas três técnicas principais de coleta de dados. A primeira foi a observação direta assistemática, realizada durante atividades em que os alunos utilizavam o celular em sala de aula, ainda que não exclusivamente para a produção textual. Essa observação permitiu registrar comportamentos, interações e estratégias relacionadas ao uso da tecnologia, em anotações de campo e gravações de áudio (quando autorizadas). Conforme Marconi e Lakatos (2017, p. 192), “a observação permite ao pesquisador perceber diretamente os comportamentos, atitudes e reações dos indivíduos no ambiente estudado”, sendo, portanto, fundamental nesta investigação.

A segunda técnica foi a aplicação de questionários semiestruturados, compostos por sete perguntas destinadas a alunos e professores, e três perguntas abertas aplicadas à equipe gestora (diretor e pedagoga). O objetivo do questionário foi compreender as percepções, dificuldades, potencialidades e estratégias relacionadas ao uso do celular como recurso

didático, além de levantar possíveis resistências e sugestões de melhoria. Essa escolha se justifica, pois, como afirmam Marconi e Lakatos (2017, p. 199), “o questionário é uma técnica de coleta de dados que permite reunir, de forma rápida, informações significativas sobre atitudes, crenças, comportamentos e características dos participantes”.

A terceira técnica utilizada foi a realização de uma oficina sobre o gênero artigo de opinião, aplicada nas turmas participantes. O objetivo da oficina foi oferecer aos alunos um ambiente de aprendizagem ativa e significativa, no qual pudessem desenvolver habilidades argumentativas e expressar suas opiniões por meio da escrita, com apoio de recursos digitais. A oficina foi composta por três etapas: uma exposição teórica sobre o gênero textual, com exemplos e explicações sobre estrutura e estratégias argumentativas; um quiz interativo no computador para revisão dos conteúdos; e a produção de textos com o uso do celular, empregando aplicativos de correção, consulta a dicionários e ferramentas de digitação.

A escolha do artigo de opinião se justifica por seu caráter formativo, ao promover o pensamento crítico, a argumentação e a autoria. Como destaca Rildo Cosson (2014, p. 27), a leitura e a escrita são formas de exercitar nosso “corpo linguagem”, e “quanto mais eu uso a língua, maior é o meu corpo linguagem e, por extensão, maior é o meu mundo”. Nesse sentido, trabalhar com um gênero que exige posicionamento, domínio da norma culta e organização argumentativa é um caminho para fortalecer a autonomia linguística dos estudantes e sua capacidade de participar do debate social com clareza e responsabilidade.

Além disso, a oficina foi planejada como espaço de letramento ativo. Conforme aponta Cosson (2014, p. 45), “a escola precisa ensinar o aluno a fazer essa exploração [do texto literário]”, superando a ideia de que o simples contato com a leitura é suficiente. Embora o foco desta pesquisa não seja o texto literário, a mesma lógica se aplica à produção textual: é preciso mediar e problematizar o uso da linguagem, especialmente com o apoio de ferramentas tecnológicas que fazem parte do cotidiano dos alunos.

Paralelamente às ações em campo, realizou-se uma pesquisa bibliográfica para embasar teoricamente o estudo. Foram consultadas obras que discutem o uso de tecnologias móveis na educação, produção textual na escola e metodologias ativas, possibilitando a contextualização da prática pedagógica observada e a comparação com outras experiências documentadas.

A análise dos dados foi feita de forma qualitativa, por meio da interpretação crítica das observações realizadas, das respostas aos questionários e dos textos produzidos pelos alunos, considerando a frequência, a relevância e a relação dos dados com os objetivos da pesquisa e com o referencial teórico adotado.

2.4 Análise de dados

Os dados foram analisados de forma interpretativa, utilizando técnicas de análise qualitativa. As observações foram descritas e interpretadas com o objetivo de identificar padrões e dinâmicas recorrentes. As respostas dos questionários passaram por análise de conteúdo, com a categorização das percepções e experiências dos participantes. Já os textos produzidos foram avaliados com base em critérios linguísticos e textuais, visando aferir a influência do uso do celular no desenvolvimento da escrita. De acordo com Marconi e Lakatos (2017, p. 224), a análise qualitativa “tem como finalidade interpretar o conteúdo simbólico e significativo das informações, buscando os sentidos ocultos nas manifestações dos sujeitos”.

A pesquisa observou os princípios éticos, garantindo o anonimato e a privacidade dos participantes. Reconhece-se, contudo, limitações, principalmente quanto à implementação da Lei nº 15.100/2025, que restringiu o uso de celulares em sala de aula e dificultou a aplicação de alguns instrumentos, além de certa resistência de gestores e professores quanto ao uso do celular como ferramenta pedagógica. Apesar dos obstáculos, o estudo buscou compreender práticas pedagógicas envolvendo o celular, oferecendo uma análise das dinâmicas de ensino-aprendizagem mediadas por essa tecnologia, com o objetivo de contribuir teoricamente e praticamente para sua integração no ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio.

CAPÍTULO III: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

A presente pesquisa envolveu a participação de alunos do 3º ano do Ensino Médio, em uma escola pública, localizada em Parintins, AM. A escolha por essa parcela da população estudantil se justifica por sua relevância para o objeto de estudo, configurando a amostra da pesquisa, a qual é definida por Marconi e Lakatos (2021, p. 165) como "uma porção ou parcela, convenientemente selecionada do universo (população); é um subconjunto do universo". Na primeira turma, obteve-se um total de 18 (dezoito) questionários respondidos, enquanto na segunda turma, foram coletados 13 (treze) questionários. A ausência de alguns alunos no dia da aplicação resultou em um total de 31 (trinta e um) participantes nesta etapa da pesquisa, cada turma tem uma totalidade de 25 (vinte e cinco) a 26 (vinte e seis) alunos. Para fins de organização e clareza na apresentação dos dados coletados por meio dos questionários aplicados aos alunos, cada pergunta foi codificada com a sigla "P." seguida do número correspondente. Assim, P.1 refere-se à primeira pergunta do questionário, P.2 à segunda, e assim sucessivamente. Essa nomenclatura será adotada ao longo do capítulo para facilitar a identificação das questões analisadas.

3.1 Aplicação de questionário

O instrumento de coleta de dados utilizado nesta pesquisa foi um questionário composto por 7 (sete) questões, distribuídas em diferentes formatos para investigar a percepção dos alunos sobre o uso do celular nas aulas de Língua Portuguesa e seu impacto na produção textual. O questionário, como técnica de coleta de dados, é definido por Marconi e Lakatos (2021, p. 175) como "um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito pelo próprio informante, sem a presença do entrevistador". A diversidade de formatos das questões buscou abranger a complexidade do tema, conforme implícito na abordagem dos autores sobre a construção do instrumento para atender aos objetivos da pesquisa.

A maioria dos 14 alunos participantes (9 alunos) acredita que o celular pode tornar as aulas de Língua Portuguesa mais dinâmicas e interativas. Essa percepção positiva é justificada pela facilidade de pesquisa e pelo aumento do interesse e participação dos alunos. No entanto, alguns alunos expressaram cautela, indicando que o dinamismo pode ser "às vezes sim" ou "talvez, depende muito". Houve também a preocupação com o uso inadequado do celular para fins não educacionais, como o acesso a redes sociais, que poderia desviar o foco do aprendizado, tendo em vista as respostas ficou evidente que os estudantes possuem uma visão predominantemente favorável sobre a capacidade do celular em agitar as aulas. A principal

razão é o acesso à pesquisa, sugerindo que eles já consideram o telefone móvel como um instrumento de aprendizado. No entanto, a precaução demonstrada e a preocupação com o uso impróprio evidenciaram um entendimento dos obstáculos e das distrações que o celular pode proporcionar, indicando que a efetividade está atrelada à orientação e ao contexto pedagógico. Como bem observa Paulo Freire, "ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando" (Freire, 1996, p. 7). No contexto do uso do celular, isso significa que a autonomia dos alunos em utilizar a ferramenta para a pesquisa e o aprofundamento é valorizada, mas o respeito a essa autonomia também implica em responsabilidade e orientação. Não se trata apenas de permitir o uso, mas de educar para o uso crítico e produtivo. A preocupação dos alunos com o "uso impróprio" evidencia a necessidade de desenvolver essa autonomia responsável.

A análise da frequência de uso educacional do celular em aulas de Língua Portuguesa (P.2) revelou que 8 dos 14 alunos o utilizam "frequentemente", enquanto 5 usam "raramente" e apenas 1 usa "sempre". Isso indica que a integração do celular para fins educacionais ainda não é uma prática uniforme.

Quanto aos recursos do celular utilizados para auxiliar na produção de textos (P.3), destacam-se os "Aplicativos de inteligência artificial (Ex: ChatGPT, Grammarly)", marcados por 9 alunos. "Plataformas educacionais" foram citadas por 6 alunos, "Aplicativos de anotações" por 5, e "Processadores de texto" e "Dicionários e corretores ortográficos online" por 4 alunos cada. A prevalência de ferramentas de inteligência artificial demonstra que os alunos estão antenados às inovações tecnológicas e já as inserem em suas práticas de escrita, mesmo que informalmente, menor frequência de uso de processadores de texto e dicionários online, comparada as inteligências artificiais (IA'S) indica uma mudança no auxílio à escrita, com os alunos buscando soluções mais abrangentes e automatizadas. Nesse contexto, Kenski (2007, p. 56) observa que "as tecnologias não apenas ampliam os meios de acesso à informação, mas também transformam os modos de pensar, de aprender e de se expressar"

O principal benefício do uso do celular na produção textual (P.4) é a "facilidade de acesso a informações e referências", apontado por 12 alunos. Em seguida, a "possibilidade de escrita colaborativa e compartilhamento de textos" foi mencionada por 9 alunos. "Uso de corretores ortográficos e dicionários digitais" foi citado por 3 alunos, e "maior motivação para escrever" por apenas 1. Como afirma Costa Jr. (2012, p. 31), "a tecnologia permite, por exemplo, uma personalização do ensino [...] e se alinha às mais modernas teorias sobre as boas práticas propostas pela moderna pedagogia", o que corrobora a valorização do celular como facilitador no acesso a conteúdos. A relevância da escrita colaborativa também é um ponto forte, indicando o potencial dos celulares para facilitar a interação e o trabalho em

grupo um aspecto valorizado por Costa Jr. ao destacar que os recursos tecnológicos “ampliaram as possibilidades de comunicação entre docentes e discentes, entre os discentes, entre sujeitos que nunca se viram, ampliando as possibilidades de colaboração e incentivando a participação discente” (p. 70). No entanto, apesar da energia que os telefones podem trazer, a "maior motivação para escrever" raramente é mencionada, e esse é um fato fundamental, sugerindo então que simplesmente possuir um celular não garante, por si só, o envolvimento intrínseco na escrita. Como o autor ressalta, “não basta introduzir a ferramenta no ambiente onde os métodos ainda não se alteraram. A mudança não pode ser parcial” (p. 30), o que indica que o uso do celular precisa estar aliado a estratégias pedagógicas bem definidas para despertar o engajamento dos alunos.

Em relação aos tipos de atividades já realizadas com o celular (P.5), a "pesquisa de informações para a produção textual" foi a mais comum, com 12 alunos. A "produção de conteúdos multimodais" foi realizada por 5 alunos, enquanto "escrita e edição de textos diretamente no celular" e "discussões e escrita colaborativa em plataformas online" foram assinaladas por 3 alunos cada. O "uso de aplicativos para revisar ortografia e gramática" foi o menos frequente (2 alunos). É relevante notar que 3 alunos nunca realizaram atividades com o celular nas aulas de Língua Portuguesa, sugerindo uma subutilização do potencial do dispositivo para fases além da pesquisa, como escrita, edição e revisão.

Essas respostas confirmam o que foi observado em sala de aula: pesquisar informações é a principal atividade para a qual os alunos usam seus celulares em sala de aula. A baixa frequência de atividades de escrita, edição e revisão direta em celulares, bem como o fato de três alunos nunca terem usado seus celulares para atividades de português, demonstram ainda mais que o potencial do dispositivo continua subutilizado além da fase inicial de coleta de dados. Esses dados refletem uma prática pedagógica que ainda privilegia o celular como instrumento de busca informacional, em detrimento de sua aplicação mais ampla no processo de produção textual. Como observa Costa Jr. (2012, p. 33), “a tecnologia, quando bem integrada à educação, não deve ser vista apenas como meio de acesso à informação, mas como potencializadora do aprendizado, da autoria e da colaboração”. A baixa frequência de atividades relacionadas à escrita, edição e revisão no dispositivo revela, portanto, uma lacuna no aproveitamento didático do celular, que ainda não tem sido plenamente explorado como ferramenta de autoria e construção textual no ambiente escolar.

As sugestões dos alunos para uma melhor integração do celular (P.6) incluem o uso para pesquisa e acesso a conteúdo, como "pesquisas de obras literária". Eles também sugeriram atividades online e o uso de aplicativos para auxiliar nos estudos e na prática da

escrita. A importância do uso responsável e delimitado do tempo também foi destacada pelos alunos. Essas sugestões revelam o desejo dos alunos por uma integração mais ativa e orientada, com controle pedagógico para evitar distrações.

O destaque para o uso responsável e o tempo delimitado mostrou uma maturidade na percepção dos desafios. Isso indicou que os alunos anseiam por uma integração pedagógica mais estruturada e supervisionada, reconhecendo a necessidade de limites para otimizar o aprendizado e evitar as distrações. Essa percepção encontra respaldo em Kenski (2007), que afirma que “a tecnologia, apesar de ser essencial à educação, muitas vezes pode levar a projetos chatos e pouco eficazes. A ideia é defender que as tecnologias, sozinhas, não educam ninguém” (p. 67), o que reforça a necessidade de mediação docente. Os alunos parecem compreender que a presença do celular por si só não é garantia de aprendizado, sendo necessário um planejamento intencional e limites bem estabelecidos para que ele seja eficaz.

Sobre o impacto do celular na escrita e aprendizado em Língua Portuguesa (P.7), 10 dos 14 alunos responderam positivamente. As justificativas incluíram o auxílio na correção ortográfica e o acesso rápido a pesquisas e significados de palavras. No entanto, ressalvas foram feitas sobre a distração, com alunos apontando que o uso do celular pode desviar o foco para mídias sociais e entretenimento.

É interessante notar como os alunos veem o celular: ao mesmo tempo como algo bom e ruim para a sala de aula. Eles afirmam que o celular pode deixar as aulas mais dinâmicas e ajudar a conseguir informações mais facilmente. No entanto, também percebem que o aparelho pode distrair muito, tirando a atenção dos estudos e levando para as redes sociais ou outras coisas. Essa visão mostra que eles entendem bem: o celular é uma ferramenta útil, mas que exige autocontrole e a orientação do professor. Mesmo que o uso do celular ainda não seja tão comum para todas as atividades (como escrever e editar textos, sendo mais usado para pesquisa), os alunos já dão ideias para usá-lo de forma mais organizada e com supervisão. Isso mostra que eles querem um uso mais planejado, com objetivos claros e regras, destacando o papel importante do professor para guiar essa tecnologia.

As observações em sala de aula, também foram essenciais para perceber que, a produção textual é pouco trabalhada, ou pelo menos com uma metodologia inovadora, que instigue os alunos a produzirem diferentes tipos de texto. Como aponta Kenski (2007), “a tecnologia, sozinha, não educa ninguém; é preciso haver intencionalidade no seu uso, mediação consciente e planejamento pedagógico” (p. 67). Isso reforça a percepção dos alunos de que o celular só será eficaz como ferramenta pedagógica se houver orientação clara do professor, com regras, objetivos definidos e estratégias motivadoras para o trabalho com a

escrita em sala de aula. Dessa forma, fica evidente que os próprios alunos reconhecem tanto o potencial quanto os riscos do uso do celular em sala de aula. Suas sugestões e percepções indicam que há abertura para novas práticas, desde que conduzidas com clareza, propósito e acompanhamento docente. Integrar o celular de maneira planejada nas atividades de produção textual pode ser um passo importante para tornar o ensino mais significativo, engajando os estudantes a partir de ferramentas que já fazem parte do seu cotidiano.

3.2 Entrevistas com professores e gestão escolar

Foram realizadas entrevistas com dois professores de Língua Portuguesa, com 7 perguntas abertas, as perguntas em questões serviram para guiar o professor sobre sua opinião dentro do contexto de sala de aula com o uso do celular como recurso. Para preservar a identidade dos participantes, os entrevistados serão identificados neste trabalho como Professor A e Professor B. A seguir, serão apresentados trechos das respostas, acompanhados de uma análise interpretativa.

A primeira pergunta – *“Você já utilizou o celular como ferramenta pedagógica em suas aulas de Língua Portuguesa? Se sim, como”* buscou identificar se o docente possui experiência prática com o uso do celular em sala. O professor A, afirmou que já utilizou o celular com os alunos, ainda que de forma pontual, destacando o uso do aparelho para aplicação de provas via link digital, pesquisas para seminários e auxílio na correção de exercícios. Para ele, o uso do celular pode facilitar o processo pedagógico, principalmente por ser um recurso já familiar aos estudantes. No entanto, ele reconhece a necessidade de cautela, pois os alunos “se distraem muito fácil”, o que pode comprometer o foco e os objetivos da aula, essa observação revela uma postura consciente e adaptativa do professor, buscando o benefício da ferramenta (celular) sem ignorar suas armadilhas. Isso demonstra uma sensibilidade à “ênfase ainda está no uso da tecnologia como ferramenta e suporte para a aprendizagem” (Kenski, 2007, p. 23), indicando uma tentativa de alinhar a prática pedagógica às “novas possibilidades de ensinar e aprender dentro e fora da sala de aula, sozinho ou em grupos, ao vivo ou conectado, presencial ou virtualmente” (Moran, 2007, p. 6). É uma transição que requer experimentação e ajuste contínuos.

Já o Professor B afirmou nunca ter utilizado o celular em suas aulas, embora declare não ser contra essa prática. Ele reconhece o potencial do dispositivo, desde que haja um planejamento adequado e a devida orientação. Sua ausência de experiência prática está relacionada não a uma postura resistente, mas à falta de formação ou segurança para inserir o celular em seu planejamento didático. Essa falta de experiência pode refletir uma resistência à

mudança, que é comum quando as "tecnologias chegam na escola e são vistas de forma superficial" (Kenski, 2007, p. 77). Isso aponta para a necessidade de um suporte institucional mais robusto, que prepare os docentes para as "situações muito novas, que desafiam profundamente tudo o que até agora fizemos" (Moran, 2007, p. 6).

Na segunda pergunta – *“Quais metodologias você costuma adotar para incentivar a produção textual dos alunos”* os dois professores revelaram estratégias diferentes, mas com pontos em comum. O Professor A afirmou adotar metodologias tradicionais baseadas no uso do livro didático, além de promover rodas de conversa com temas atuais, buscando despertar o interesse dos alunos. Ele também utiliza videoaulas, especialmente para tratar do gênero dissertativo, que segundo ele, é o que os alunos mais temem. É perceptível uma tentativa de diversificar a abordagem, mas ainda dentro de um modelo de ensino mais convencional. Como aponta Kenski (2007), as tecnologias mais amplamente utilizadas – como o livro, os vídeos e a televisão – ampliam o espaço da sala de aula, mas precisam de planejamento adequado, e a diversificação de recursos, como as videoaulas, pode ser um caminho para tornar conteúdos complexos, como o gênero dissertativo, mais entendíveis.

Já o Professor B relatou preferir trabalhar com temas do cotidiano dos alunos, leitura de textos variados e debates em sala para desenvolver o pensamento crítico. Ele também utiliza a produção coletiva como estratégia de construção gradual da competência textual. Embora não recorra à tecnologia, suas práticas demonstram uma preocupação com a relevância temática e com a colaboração entre os alunos, o que pode favorecer o ensino. Essa perspectiva alinha-se diretamente com as premissas da Base Nacional Comum Curricular (2018), o eixo da produção de textos compreende “as práticas de linguagem relacionadas à interação e à autoria (individual ou coletiva) do texto escrito, oral e multissemiótico, com diferentes finalidades e projetos enunciativos como [...] narrar fatos cotidianos, de forma crítica [...]” (Brasil, 2018, p. 89).

A terceira pergunta *“Você percebe algum impacto positivo na motivação dos alunos quando o celular é utilizado para atividades de escrita? Explique”* teve como objetivo compreender a percepção dos professores sobre a relação entre tecnologia e empenho dos alunos. O Professor A acredita que o impacto é positivo, uma vez que os estudantes estão “bem conectados com a tecnologia” e dominam aplicativos e recursos digitais que auxiliam na escrita. Para ele, a familiaridade dos alunos com o celular e com ferramentas como sites de busca e aplicativos de inteligência artificial pode tornar o processo de produção textual mais ágil e motivador. Kenski (2007, p. 6) diz que é possível “aproveitar o interesse natural dos jovens estudantes pelas tecnologias e utilizá-las para transformar a sala de aula em espaço de

aprendizagem ativa e de reflexão coletiva”, o que corrobora a visão de que o celular pode ser um potente aliado na motivação da escrita e outras atividades em sala de aula.

O Professor B, por não ter experiência com o uso do celular em aula, respondeu com base em sua observação geral do comportamento dos alunos, afirmando acreditar que o celular pode sim aumentar a motivação, pois “eles estão acostumados a usar o celular o tempo todo”. Essa resposta, embora hipotética, revela uma compreensão do perfil tecnológico dos estudantes e uma abertura para a integração da tecnologia em sala.

A quarta pergunta – *“Quais possíveis dificuldades ou desafios você imagina que pode enfrentar ao tentar integrar o celular no ensino da produção textual?”* – foi respondida com grande convergência por ambos os professores. O Professor A apontou a distração como o maior obstáculo, afirmando que o celular, por conter múltiplas funcionalidades, pode facilmente desviar a atenção dos alunos para redes sociais como Instagram e Facebook. Além disso, ele destacou a desigualdade de acesso como uma barreira significativa, já que “nem todos têm celular” e “nem todos têm acesso à internet”. Essas dificuldades, segundo ele, exigem planejamento cuidadoso por parte do professor para evitar que o uso da tecnologia prejudique a aprendizagem. O Professor B também destacou a distração como um dos principais entraves, além de mencionar a falta de internet de qualidade e a ausência de formação específica para que os professores saibam como usar o celular de maneira pedagógica. Sua fala – “se não tiver orientação, vira bagunça” sintetiza a preocupação com o uso desorganizado da tecnologia, o que pode comprometer os objetivos da aula. Essa percepção dialoga com Moran (2013, p. 82), ao afirmar que “bons professores são as peças-chave na mudança educacional. A educação não evolui com professores mal preparados”, ressaltando que é essencial capacitar os docentes para que saibam conduzir o uso dos recursos digitais com intencionalidade e eficácia pedagógica

.A quinta pergunta – *“Você acredita que o uso do celular pode melhorar a qualidade dos textos produzidos pelos alunos? Por quê?”* foi perceptível um olhar positivo de ambos os professores sobre o potencial do celular no aprimoramento da escrita. O professor A afirmou que acredita na melhoria da qualidade textual, desde que haja um bom planejamento da aula. Ele reconhece que os alunos podem utilizar o celular para buscar mais informações, o que pode enriquecer seus textos. No entanto, reforça a importância da mediação docente para evitar que os estudantes se dispersem em conteúdos não relacionados. O Professor B compartilhou dessa visão, destacando que o celular permite o acesso a dicionários, modelos de texto e fontes de informação que podem servir de base para a produção textual. Para ele, a presença de um objetivo pedagógico claro e o acompanhamento do professor são

fundamentais para que o uso da tecnologia tenha um impacto positivo. Conforme a BNCC (2018, p. 6), é essencial “explorar tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), compreendendo seus princípios e funcionalidades, e utilizá-las de modo ético, criativo, responsável e adequado a práticas de linguagem em diferentes contextos” (EM13LGG701).

Por fim, a sexta pergunta – “*Qual a sua opinião sobre a lei que proíbe o uso do celular em sala de aula?*” abordou o aspecto legal e normativo relacionado ao uso da tecnologia no ambiente escolar. O Professor A defendeu o uso consciente e redirecionado do celular, afirmando que o aparelho pode ser um aliado se bem utilizado. Ele compreende a preocupação com a distração, mas acredita que a proibição total ignora o potencial pedagógico do celular. Já o Professor B afirmou que “proibir por completo não é o caminho” e defende o ensino do uso consciente. Ele ressaltou que o celular “faz parte da vida deles”, o que indica que a escola deve se adaptar a essa realidade e preparar-se para utilizar o dispositivo como ferramenta educacional, ao invés de rejeitá-lo sumariamente. Para Kenski (2007, p. 106), “o uso das tecnologias em educação [...] exige a adoção de novas abordagens pedagógicas, novos caminhos que acabem com o isolamento da escola e a coloquem em permanente situação de diálogo e cooperação com as demais instâncias existentes na sociedade, a começar pelos próprios alunos”.

A fim de compreender a perspectiva institucional sobre o uso do celular como ferramenta pedagógica, também foram realizadas entrevistas com o gestor da escola e com a pedagoga. Com um total de 3 perguntas que buscavam identificar a opinião dessas profissionais quanto à legislação vigente, às práticas pedagógicas, aos desafios enfrentados e às possibilidades do uso do celular no processo de ensino-aprendizagem, especialmente no que diz respeito à produção textual.

Ao serem questionados sobre “Qual é a opinião da escola sobre o uso do celular em sala de aula? Vocês veem mais benefícios ou desafios na sua utilização?”, a gestão escolar responde que “a gente entende que o celular faz parte da realidade dos alunos e pode sim ter um lado positivo se usado com responsabilidade”. No entanto, na prática, ele é percebido como “um desafio grande. A maioria das vezes o celular atrapalha mais do que ajuda, porque os alunos acabam se distraindo com redes sociais ou jogos”. Atualmente, “a escola ainda não tem uma política definida para o uso pedagógico do celular em sala”. Isso revela uma instituição que reconhece o problema, mas ainda não encontrou soluções ou diretrizes claras. A pedagoga complementa: “Reconhecemos que o celular pode ser um recurso interessante pra educação, sim”, mas que “o que mais aparece são as dificuldades, principalmente na hora de manter os alunos focados”, pois “muitos usam o aparelho pra outras coisas no meio da aula, o

que dificulta o trabalho do professor". A gestão e a pedagogia expressam um reconhecimento do potencial, mas uma realidade desafiadora em termos de controle e uso efetivo. Nesse sentido, José Manuel Moran (2013) observa que "as tecnologias caminham para a convergência, a integração, a mobilidade e a multifuncionalidade, isto é, para a realização de atividades diferentes num mesmo aparelho, em qualquer lugar, como acontece no telefone celular" (p. 136) e destaca que "a mobilidade e a virtualização nos libertam de espaços e tempos rígidos, previsíveis, determinados" (p. 137). Assim, o uso do celular no ambiente escolar representa não apenas um desafio disciplinar, mas também uma oportunidade de reinventar práticas pedagógicas, aproximando a escola das novas formas de interação e aprendizagem que caracterizam a sociedade contemporânea.

Considerando a lei que restringe o uso de celulares, a pergunta foi: "Considerando a lei que restringe o uso de celulares na escola, como a direção acredita que podemos conciliar essa legislação com a realidade dos alunos, que já usam o celular em suas vidas diárias?". A gestão entende que "a gente sabe que essa lei existe, mas também entende que não dá pra simplesmente ignorar a tecnologia que tá na mão de todo mundo". O ideal seria "encontrar um meio-termo: criar momentos específicos e bem planejados para o uso do celular com finalidade educativa, com orientação dos professores". Contudo, o gestor aponta a falta de "preparo e estrutura pra isso ser feito de forma segura e produtiva". A pedagoga concorda que "essa é uma realidade que a escola precisa encarar. Não adianta fingir que o celular não existe". Ela sugere "trabalhar a conscientização dos alunos, mostrar que o aparelho pode ser uma ferramenta de estudo", ela também enfatiza a necessidade de "os professores também precisam de apoio, formação e espaço pra experimentar novas estratégias com o uso do celular. É um processo". A visão é de que a legislação não deve ser um impedimento, mas sim um norteador para o uso consciente e planejado, exigindo investimento em capacitação e estrutura, como afirma Moran (2007, p. 3), "precisamos tornar a escola um espaço vivo, agradável, estimulante, com professores mais bem preparados; com currículos mais ligados à vida dos alunos; com metodologias mais participativas, que tornem os alunos pesquisadores, ativos".

Em relação ao papel do celular na educação, a pergunta foi: "Na sua visão, qual é o papel do celular na educação atualmente? Vocês o consideram uma ferramenta útil ou uma distração no processo de ensino-aprendizagem?". Tanto a gestão quanto a pedagoga concordam que ele "pode ser tanto uma ferramenta como uma distração". Sua utilidade "vai depender muito da forma como ele é usado". Ele pode "ajudar na aprendizagem" se "bem planejado, com objetivo claro e acompanhado". A pedagoga detalha as potencialidades: "Ele

pode ser uma ferramenta muito útil, sim, principalmente pra pesquisa, leitura de textos, produção de conteúdo e até gravação de vídeos educativos". No entanto, sem orientação, ele "vira distração fácil". Assim, é "importante que o uso seja planejado, com acompanhamento e objetivos pedagógicos claros". A escola "ainda precisa se adaptar melhor pra tirar proveito do que o celular pode oferecer". Ambos os entrevistados concluem que o celular é uma ferramenta potente, mas que requer um planejamento pedagógico robusto e um acompanhamento constante para ser eficaz, corroborando a ideia de que "com a internet, as redes de comunicação em tempo real, a TV digital e o celular, surgem novos espaços e tempos no processo de ensino e aprendizagem, que modificam e ampliam o que fazíamos na sala de aula." (Moran, 2007, p. 28).

Então, um dos aspectos recorrentes nas entrevistas realizadas com os professores e a equipe gestora da escola foi a necessidade de formação continuada para que o uso do celular em sala de aula seja inserido de forma planejada, segura e produtiva. Ainda que reconheçam o potencial pedagógico da ferramenta, tanto os docentes quanto os gestores destacam a ausência de uma política institucional clara sobre sua utilização, o que acaba gerando insegurança e, por vezes, resistência ao seu uso.

A competência geral nº 5 da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) trata do desenvolvimento da capacidade dos estudantes de compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo a escola. Ela busca preparar os alunos para atuar em um mundo cada vez mais conectado, promovendo o protagonismo no uso das tecnologias e a consciência sobre seus impactos sociais, culturais e éticos. Assim, não se trata apenas de dominar ferramentas tecnológicas, mas de usá-las de maneira responsável e consciente, como parte integrante das aprendizagens e da cidadania digital.

Dessa forma, percebe-se que a integração do celular na educação, embora inevitável e potencialmente enriquecedora, requer um planejamento pedagógico intencional e estruturado. É fundamental que os professores sejam capacitados para mediar o uso desses recursos, transformando-os em instrumentos que favoreçam a aprendizagem e o desenvolvimento de competências essenciais, conforme orienta a BNCC. Como alerta Kenski (2007), a ausência de formação adequada pode levar à rejeição ou ao uso inadequado das tecnologias, comprometendo sua função educativa. Portanto, mais do que discutir se o celular deve ou não ser permitido em sala de aula, é imprescindível repensar como ele pode ser incorporado de forma efetiva e alinhada aos objetivos educacionais contemporâneos.

3.3 Proposta de oficina

A oficina pedagógica proposta foi aplicada em duas turmas de 3º ano do Ensino Médio, cujo objetivo central foi o desenvolvimento da competência argumentativa por meio da produção do gênero textual artigo de opinião. A atividade foi concebida em dois tempos de aula em cada turma e estruturada para proporcionar aos alunos uma vivência ativa, crítica e reflexiva sobre a linguagem e seu uso na sociedade contemporânea. Essa perspectiva é perceptível “para ensinar a elaborar textos, é fundamental propiciar muitos e variados momentos de escrita de textos” (Leal e Melo, 2007, p. 15), promovendo práticas significativas de produção textual que considerem o contexto comunicativo, o gênero e o interlocutor.

O trabalho com o artigo de opinião, enquanto prática social da linguagem, visa mais do que a simples produção textual, trata-se de um exercício de posicionamento ético, de escuta e de autoria. A escolha do gênero textual "artigo de opinião" para essa atividade didática também se deu por razões pragmáticas e pedagógicas específicas, considerando a preparação dos alunos para o ingresso no ensino superior, a prática com esse gênero é de suma importância para concursos e vestibulares, que frequentemente solicitam a produção de textos dissertativo-argumentativos.

Além disso, a distinção entre artigo de opinião e redação, embora sutis em alguns aspectos, é crucial. Ambos os gêneros demandam organização de ideias e clareza, mas o artigo de opinião possui um foco mais acentuado na defesa de um ponto de vista e na persuasão do leitor, diferentemente da redação tradicional, que pode ter um caráter mais expositivo. Essa diferenciação é essencial para que os alunos compreendam as especificidades e as intencionalidades de cada gênero.

É nesse sentido que Freire ressalta a importância de uma prática educativa que respeite a autonomia do educando, pois “ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando” (Freire, 1996, p. 25). Assim, ao propor a produção de textos argumentativos sobre temas de relevância social, a oficina buscou não apenas instrumentalizar os estudantes para a escrita, mas promover o pensamento crítico com a realidade.

Rildo Cosson, ao discutir a função social dos gêneros textuais e a importância da leitura e escrita como práticas significativas, afirma que “ler e escrever não são apenas habilidades técnicas, mas práticas sociais que se constituem em espaços de produção de sentido e identidade” (Cosson, 2014, p. 20). Dessa forma, trabalhar o artigo de opinião com os estudantes do ensino médio é também reconhecer que eles são sujeitos de linguagem e história, capazes de interpretar o mundo e de agir sobre ele por meio da palavra.

O artigo de opinião, enquanto gênero textual, ocupa um lugar de destaque no contexto educacional por favorecer a expressão crítica e autônoma do estudante diante de temas relevantes. Como defendem Kaufman e Rodríguez (1995, p. 3), é dever da escola garantir que seus egressos “possam valer-se da escrita com adequação, tranquilidade e autonomia”, especialmente para se posicionarem diante de temas de interesse público. Em uma sociedade atravessada por disputas simbólicas e informacionais, é fundamental que a escola prepare o aluno não apenas para decodificar textos, mas também para posicionar-se com fundamento diante das questões sociais, políticas, éticas e culturais do mundo atual.

Nesse sentido, o ensino do artigo de opinião atua como catalisador da formação cidadã, ao exigir do aluno o exercício de argumentação, a busca por fontes confiáveis e a consciência da diversidade de pontos de vista. Como afirmam Leal e Melo (2007, p. 20), “para compor textos, as pessoas adotam gêneros textuais cujas características foram apropriadas a partir de experiências anteriores em que exemplares de tais gêneros circularam”, e adaptam esses conhecimentos de forma crítica às finalidades comunicativas e sociais da escrita. Nessa mesma direção, Freire (1996, p. 43) lembra que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, destacando a necessidade de formar sujeitos capazes de interpretar e transformar a realidade por meio da linguagem.

A oficina teve início com a aplicação de um questionário, voltado à verificação dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre o gênero em foco. Essa etapa inicial foi essencial para nortear as intervenções didáticas subsequentes, já que revelou percepções vagas e confusões frequentes entre artigo de opinião e outros tipos de textos dissertativos, como a redação escolar. Conforme aponta Cosson, “ler e escrever não são apenas habilidades técnicas, mas práticas sociais que se constituem em espaços de produção de sentido e identidade” (Cosson, 2014, p. 20). Assim, a proposta da oficina estava alinhada com a necessidade de proporcionar não só o domínio formal do gênero, mas também sua contextualização como prática discursiva situada.

A partir dessa breve avaliação, constatou-se que, embora muitos alunos já tivessem tido contato com o gênero, havia confusão entre artigo de opinião e outros tipos de texto dissertativo, como a redação escolar. Com base nessas observações, iniciou-se a explanação teórica, que contou com a utilização de slides projetados como recurso didático. A aula teve início com a pergunta “O que é um artigo de opinião?” seguida da apresentação de conceitos básicos do gênero, destacando seu caráter dissertativo-argumentativo, a presença explícita da tese, a estrutura formal e a função social que esse tipo de texto cumpre nos meios de comunicação. Os alunos compreenderam que o artigo de opinião é um espaço em que o autor

busca convencer o leitor de seu ponto de vista sobre um tema relevante, por meio de argumentos sólidos e fundamentados.

Ao longo da explicação, foram detalhadas as partes que compõem esse gênero: introdução, desenvolvimento e conclusão. Na introdução, o autor apresenta o tema e formula sua tese. No desenvolvimento, expõe os argumentos que sustentam sua opinião, utilizando dados estatísticos, exemplos concretos, analogias, comparações, citações e argumentos de autoridade. Já na conclusão, retoma-se a tese apresentada, reafirma-se o posicionamento e, eventualmente, apresenta-se uma sugestão, um alerta ou uma proposta de reflexão crítica. Nesse processo, como explica Passarelli (2012), “o elemento unificador é a ideia central do autor, do que decorre que a estrutura do argumentativo é dada pela tese defendida” (p. 243), o que reforça a centralidade da tese para a coerência textual. Ainda segundo a autora, embora não exista uma ordenação fixa dos elementos no texto argumentativo, espera-se que ele apresente o tema, a tese, os argumentos favoráveis e contrários, e, por fim, a retomada do ponto de vista inicial (Passarelli, 2012, p. 243-244). Foi enfatizada também a importância da linguagem formal, clara e objetiva, bem como do uso adequado dos conectivos, que garantem a coesão e a fluidez do texto. Afinal, “no processamento textual, para levar à convicção e à persuasão, o enunciador vale-se de procedimentos argumentativos” (Passarelli, 2012, p. 245).

Para consolidar os conteúdos abordados, os estudantes analisaram coletivamente exemplos autênticos de artigos de opinião, identificando neles os recursos argumentativos empregados, a linguagem utilizada e os efeitos de sentido produzidos. A sequência foi pensada em consonância com o que Cosson denomina de “sequência didática expandida”, ou seja, uma abordagem que não apenas expõe conteúdos, mas promove a “formação progressiva de leitores e produtores de textos críticos” (Cosson, 2014, p. 91).

A seguir, a turma foi dividida em grupos e convidada a participar de uma atividade interativa: um quiz projetado no quadro com perguntas sobre a estrutura e as características do artigo de opinião. Essa dinâmica teve como objetivo reforçar os conhecimentos recém-adquiridos de maneira colaborativa, além de estimular o espírito de grupo e o raciocínio rápido. As perguntas abordavam tópicos como a função da tese, o papel dos argumentos, a linguagem adequada e o uso de conectivos. A dinâmica despertou o interesse dos alunos e reforçou o conteúdo apresentado, funcionando como um momento de fixação lúdico, porém formativo, em consonância com a concepção de Marcuschi de que “a produção textual, assim como um jogo coletivo, não é uma atividade unilateral” (Marcuschi, 2008, p. 157). Tal prática também se alinha à perspectiva de que “a sala de aula constitui um grande laboratório de investigação, onde conhecer não é um ato individual, mas uma ação cooperativa” (Marcuschi,

2008, p. 34). Assim, o quiz oportunizou um espaço de interação e troca, em que os alunos puderam, por meio do diálogo e da colaboração, consolidar conhecimentos, tal como propõe o autor: “o conhecimento é elaborado em encontros, trocas e interações. Cria-se em função de interlocutores” (Marcuschi, 2008, p. 35).

Após a etapa teórica e interativa, foi proposto o tema para produção coletiva: "A cultura do cancelamento: um avanço ou um retrocesso para a sociedade?". A escolha do tema considerou sua atualidade, relevância social e potencial de engajamento entre os jovens. Os alunos foram orientados a elaborar um artigo de opinião em grupo, utilizando seus celulares como ferramentas de pesquisa e produção. Na escrita dos alunos, o tema proposto foi explorado em diversas abordagens. De maneira recorrente, o cancelamento foi reconhecido como uma ferramenta de justiça, capaz de ampliar as vozes dos marginalizados e expor condutas inaceitáveis de figuras públicas. Um dos alunos destacou que “a cultura do cancelamento é um tema que tem gerado muita discussão e debate”, sinalizando seu papel como catalisador de reflexões sociais. Outro texto complementa essa visão, questionando se a prática “representa um avanço na luta por justiça social ou um retrocesso que ameaça o diálogo e a liberdade de expressão”. Também se identificou a preocupação com os efeitos negativos: conforme escreveu um aluno, “a cultura do cancelamento pode levar à autocensura e ao conformismo”, apontando riscos como o silenciamento e a falta de pluralidade. Esses fragmentos demonstram que, ao elaborar seus textos, os estudantes aplicaram conceitos do gênero argumentativo, defenderam teses claras e consideraram diferentes perspectivas sobre o tema proposto evidenciando aquilo que Marcuschi chama de “produção textual como uma atividade cooperativa”, na qual “o conhecimento é elaborado em encontros, trocas e interações” (Marcuschi, 2008, p. 19).

Há uma clara compreensão do papel central das redes sociais na amplificação desse debate, bem como das complexas consequências individuais e coletivas que o cancelamento acarreta. Um trecho ressalta que "nos últimos anos, a chamada cultura do cancelamento se tornou um dos fenômenos sociais mais debatidos nas redes sociais e na mídia", enquanto outro aponta para a "exposição pública para salvar o mundo ou derrubar quem se desvia de um ideal". As inquietações sobre os impactos são evidentes: "Pode-se transformar em uma forma de linchamento virtual" e "as pessoas se mobilizam em prol de causas sociais importantes", observou-se que muitos textos partiram de experiências indiretas com casos de cancelamento, como influenciadores, artistas ou colegas de escola

De modo geral, os estudantes demonstraram compreensão do tópico, tentando expressar seus pontos de vista sobre essa questão contemporânea. Observa-se como ponto

forte comum a todos os trabalhos o envolvimento com o tema central da cultura do cancelamento, o que indica que a proposta foi bem compreendida. Houve uma tentativa de argumentação em todas as produções, com os alunos buscando apresentar razões a favor e contra o fenômeno, embora a diversidade e o desenvolvimento dessas argumentações variassem. Muitos textos evidenciaram uma consciência do impacto social da cultura do cancelamento, tocando em aspectos como justiça social, liberdade de expressão e o papel das mídias sociais. Isso se reflete em passagens como: "A cultura do cancelamento pode ser vista como um reflexo da luta por justiça e igualdade" e "é necessário pensar se estamos mesmo cobrando justiça ou apenas disseminando o ódio sem dar chances de mudança". Além disso, notou-se o uso de exemplos, por vezes implícitos, outras vezes mais explícitos, que remetiam a cenários ou consequências reais do cancelamento, como no trecho: "muitas vezes, artistas são retirados da mídia por atitudes antigas, sem que haja espaço para retratação ou evolução pessoal".

A análise revelou que houve poucos erros gramaticais e de ortografia significativos no geral. No entanto, em relação à especificidade do gênero textual, foi observado que três alunos não conseguiram seguir à risca a estrutura do artigo de opinião. Embora as ideias e a argumentação pudessem estar presentes, a forma como foram organizadas não se alinhou completamente com as convenções desse tipo de texto. Por exemplo, em alguns casos, a tese central não estava claramente delineada no início, ou a argumentação não foi desenvolvida com a profundidade esperada para convencer o leitor. A estrutura dos parágrafos, por vezes longas ou sem um tópico frasal claro, também impactou a legibilidade, como é perceptível em um parágrafo "por um lado, a cultura do cancelamento pode ser vista como um avanço para a sociedade." "No entanto, por outro lado, a cultura do cancelamento pode ser vista também como um retrocesso para a sociedade". Demonstrando que a opinião do autor não ficou de forma clara.

Durante essa etapa, os grupos acessaram diferentes fontes, debateram ideias e redigiram textos preliminares com base nas instruções dadas. Em meio a esse processo, observou-se que muitos alunos tomaram consciência dos riscos e das contradições do fenômeno social em debate, articulando argumentos tanto em defesa quanto em crítica à cultura do cancelamento. Os alunos expressaram suas opiniões, tanto sobre a questão do celular quanto sobre o tema proposto, sendo essa participação perceptível em suas falas e produções textuais. É importante destacar o ânimo dos alunos ao saber que poderiam utilizar o celular para produzir os textos, pois tal liberdade estimula a autonomia e a responsabilidade, conforme defende Freire: "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades

para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 2000, p. 47). Além disso, a interação entre os pares fomentou um ambiente de troca e aprendizagem mútua, fortalecendo o respeito aos saberes dos educandos, conforme destaca o autor: “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” (Freire, 2000, p. 27).

Do mesmo modo, a vivacidade demonstrada pelos alunos ao utilizar novas tecnologias na produção textual corrobora a ideia freiriana de que o ato de ensinar deve ser permeado de “alegria e esperança”, elementos fundamentais para uma prática educativa criativa e transformadora

Para a avaliação dessas produções textuais, diversos pontos foram considerados. A primeira etapa a ser considerada foi a compreensão do tema e a adequação ao gênero: o aluno abordou o tema de forma clara e demonstrou entender a cultura do cancelamento no contexto de um artigo de opinião? Nesse sentido, vale destacar que “a produção textual precisa ser pensada como um processo em que o planejamento, a organização e a revisão fazem parte da aprendizagem da escrita” (Kanthack; Silva, 2012, p. 14). O segundo quesito, a argumentação e a persuasão, foram pontos avaliados: o texto apresenta uma tese clara, os argumentos são lógicos, há tentativas de sustentá-los com raciocínio e o texto busca persuadir o leitor? Afinal, como apontam as autoras, “não basta que o aluno saiba organizar as partes do texto, mas é preciso que ele saiba estabelecer relações entre elas, compondo um todo coeso e coerente” (Kanthack; Silva, 2012, p. 12)

Por fim, a estrutura e a organização também foram fundamentais, verificando se há uma introdução, um desenvolvimento organizado em parágrafos com transições lógicas e uma conclusão que retoma as ideias. A linguagem e o estilo também são importantes, analisando a clareza, a coesão, a variedade de vocabulário e o registro adequado para o gênero. Naturalmente, a gramática, ortografia e pontuação são critérios básicos, pois, como afirmam Kanthack e Silva (2012, p. 15) “a prática da escrita envolve domínio linguístico, mas, sobretudo, capacidade de reflexão e de interlocução com o outro.”

A proposta da oficina dialoga diretamente com o conceito de letramento defendido por autores como Rildo Cosson, para quem o domínio da escrita implica mais do que codificação, exigindo a compreensão e a inserção nas práticas sociais que envolvem a linguagem. Para Cosson, “a escrita é um dos mais poderosos instrumentos de libertação das limitações físicas do ser humano” (Cosson, 2014, p. 41), e o ensino da linguagem na escola deve ter como objetivo o desempenho dos sujeitos frente aos discursos que moldam o mundo.

É necessário falar da importância da produção textual no ambiente educacional, que exemplificada por essa atividade com artigos de opinião, é imensa. Primeiramente, ela

fomenta o desenvolvimento do pensamento crítico, pois exige que os alunos analisem um tema complexo, considerem diferentes pontos de vista e elaborem um julgamento próprio e fundamentado. Em segundo lugar, a produção textual é fundamental para a articulação de ideias, permitindo que os alunos expressem pensamentos complexos de forma estruturada e coerente, o que aprimora sua capacidade de comunicação escrita e oral. Como afirma Sartori (2019, p. 25), “escrever é trabalho intelectual que se aprende na escola. Trata-se de uma ação reflexiva que se desenvolve, que se constrói e reconstrói ao longo do tempo”, reforçando a necessidade da prática contínua e significativa da escrita no espaço escolar

O artigo de opinião, por ser um gênero persuasivo, ensina os alunos a construírem argumentos, a sustentá-los e a tentar convencer o leitor, uma habilidade essencial para o sucesso acadêmico e a participação cívica. Além disso, ao tratar de temas atuais como a cultura do cancelamento, a produção textual estimula o engajamento cívico e a consciência social, transformando os alunos em participantes ativos do discurso público. Sartori (2019, p. 32) reforça essa dimensão ao afirmar que "projetos de leitura e escrita que partem das necessidades aventadas pelos discentes tendem a ser muito bem recebidos por eles, porque envolvidos por temáticas que lhes dizem respeito, que dizem deles mesmos."

O exercício também contribui para o letramento informacional, pois mesmo com o uso de celulares, os alunos precisam selecionar e processar informações, o que destaca a importância de fontes confiáveis. Naturalmente, a escrita também aprimora a proficiência linguística em termos de vocabulário, gramática, sintaxe e fluência, como afirma a autora, “escrever corretamente [...] significa atribuir-se seriedade, credibilidade, legitimidade, poder” (Sartori, 2019, p. 35).

O artigo de opinião, portanto, é um gênero privilegiado no desenvolvimento do “corpo linguagem” de que fala Cosson, por proporcionar ao estudante a oportunidade de “exercitar a palavra como forma de agir sobre o mundo” (Cosson, 2014, p. 38).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo central investigar o uso do celular como ferramenta pedagógica para a produção de textos nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio. O desenvolvimento deste estudo revelou-se uma experiência bastante significativa, uma vez que possibilitou analisar, a partir de diferentes perspectivas, como os dispositivos móveis, quando utilizados de forma planejada, ética e consciente, podem transformar o processo de ensino-aprendizagem, tornando-o mais atrativo, interativo e eficiente.

Durante a realização da pesquisa, foi possível observar, tanto nas pesquisas em estudos já existentes, quanto na observação durante as aulas, que o celular, embora muitas vezes colocado como elemento de distração em sala de aula, possui um potencial pedagógico considerável. Ferramentas como aplicativos de correção gramatical, editores de texto, plataformas colaborativas e recursos de pesquisa rápida demonstraram que, se bem conduzidas, as atividades com uso do celular podem fomentar a autonomia do estudante, incentivar a produção textual criativa e facilitar o desenvolvimento de competências linguísticas exigidas pela BNCC (2018).

As observações em sala, os questionários aplicados e as entrevistas com professores e gestor da escola investigada também confirmaram que ainda há muitos desafios a serem enfrentados. A resistência de alguns profissionais da educação, a ausência de políticas institucionais claras e a falta de formação específica dificultam a adoção plena do celular como ferramenta pedagógica. Soma-se a isso a desigualdade no acesso à tecnologia, um fator preocupante que pode agravar ainda mais as disparidades educacionais. No entanto, os dados também revelaram que há abertura para a mudança, especialmente quando os benefícios do uso do celular são evidenciados de maneira concreta e eficaz.

A oficina pedagógica teve como objetivo principal promover a produção textual do gênero artigo de opinião, utilizando o celular como ferramenta de apoio. A atividade foi dividida em três momentos distintos, cuidadosamente organizados para envolver os alunos em todo o processo de aprendizagem e escrita.

No primeiro momento, realizou-se uma explanação teórica sobre o gênero textual. Por meio de uma apresentação interativa com slides, os alunos tiveram contato com os principais elementos que caracterizam o artigo de opinião: tese, argumentação, linguagem formal, coesão e coerência textual. Foram apresentados exemplos de textos e os estudantes puderam participar ativamente com perguntas e comentários.

O segundo momento foi desenvolvido por uma dinâmica interativa: um quiz projetado em sala que revisava os principais conceitos abordados na explicação teórica. A estratégia

utilizada foi de suma importância para fixar o conteúdo e estimular a participação dos estudantes.

No terceiro momento, os alunos iniciaram a produção do artigo de opinião, com apoio direto do celular. Utilizaram o dispositivo para realizar pesquisas, consultar dicionários online, buscar exemplos, revisar a ortografia com o auxílio de aplicativos e organizar suas ideias em ferramentas de edição de texto. O uso do celular demonstrou-se eficaz para estimular o desempenho dos alunos, no que cerne à produção textual, eles se mostraram motivados e participativos ao saber que podiam utilizar um recurso presente em seu cotidiano. As produções textuais foram avaliadas com base na clareza da tese, na consistência argumentativa e no uso apropriado dos recursos linguísticos. Observou-se um aumento na qualidade dos textos, com maior uso de vocabulário específico, estruturação adequada e articulação coerente de ideias. Alguns textos apresentaram ainda reflexões críticas sobre o papel da sociedade diante do cancelamento virtual, o que evidencia o potencial formativo da atividade.

A oficina comprovou que é possível articular teoria, prática e tecnologia em sala de aula, desde que o planejamento seja orientado por objetivos claros e metodologias ativas. Os celulares, nesse contexto, tornaram-se instrumentos mediadores do conhecimento, permitindo que os alunos pudessem expressar opiniões de forma crítica, argumentativa e criativa.

A escolha desse tema, portanto, revelou-se extremamente pertinente e atual, considerando os debates contemporâneos sobre o uso das tecnologias na educação e as novas práticas exigidas dos educadores diante de uma geração muito conectada. O celular não deve ser visto apenas como um “vilão” do aprendizado, mas como uma oportunidade de reconectar a escola com a realidade dos estudantes, levando em consideração suas vivências e a facilidade com as tecnologias ao cotidiano escolar de forma significativa.

É importante destacar também que o uso do celular, por si só, não garante 100% (cem por cento) resultados positivos na aprendizagem. É necessário que ele esteja inserido em um projeto pedagógico coerente, com objetivos bem definidos, acompanhamento sistemático e critérios de avaliação adequados. O professor, nesse processo, continua sendo peça fundamental, atuando como mediador do conhecimento e orientador das práticas tecnológicas. Como mostram os autores citados ao longo do trabalho, a formação continuada e o suporte institucional são condições indispensáveis para o sucesso dessa integração.

Ademais, a pesquisa dialoga diretamente com as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), que aponta a cultura digital como uma das competências essenciais à formação dos estudantes. Ao considerar o uso do celular em sala de aula como

uma possibilidade de letramento digital, entende-se que o papel da escola é, também, o de preparar os alunos para o uso crítico, ético e responsável das tecnologias, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e atuantes.

Por outro lado, deve-se considerar que o caminho para a consolidação do uso do celular como ferramenta pedagógica ainda é longo e repleto de obstáculos. Políticas públicas educacionais devem ser fortalecidas para garantir não apenas o acesso à tecnologia, mas também a infraestrutura adequada nas escolas, a formação de professores e a elaboração de diretrizes claras que orientem o uso pedagógico dos dispositivos móveis, com foco na aprendizagem e no desenvolvimento integral do aluno.

Conclui-se, portanto, que o uso do celular nas aulas de Língua Portuguesa pode ser um grande aliado do professor, desde que utilizado com planejamento e intencionalidade. Ele é capaz de ampliar as linhas do processo de ensino-aprendizagem, despertar o interesse dos alunos, promover a autoria e estimular a produção de textos mais ricos, coerentes e contextualizados. O celular, enquanto extensão do cotidiano dos jovens, pode ser ressignificado como instrumento de transformação educativa, desde que esteja a serviço do conhecimento, e não da dispersão.

Esta pesquisa abre caminhos para novas investigações e debates no campo educacional, especialmente sobre as práticas pedagógicas mediadas pela tecnologia e o papel das escolas diante dos desafios impostos pela cultura digital. Sugere-se que novas pesquisas sejam realizadas com diferentes gêneros textuais, com públicos distintos e em contextos variados, a fim de ampliar a compreensão sobre o impacto do uso do celular na aprendizagem da Língua Portuguesa.

Espera-se que este trabalho contribua para o fortalecimento das práticas pedagógicas inovadoras e que possa inspirar professores e gestores a enxergarem no celular um recurso educativo poderoso, que, longe de ser um obstáculo, pode ser a ponte entre a escola e o mundo real dos estudantes. Que se possa caminhar, cada vez mais, para uma educação conectada com a vida, com o tempo presente e com as possibilidades que a tecnologia oferece, em especial no processo de ensinar e aprender a linguagem, base fundamental para a formação de sujeitos críticos, autônomos e protagonistas da sua própria história.

REFERENCIAS

ABDON, Nelson; PESSOA, Rosali. **Produção de textos e tecnologias digitais**. São Paulo: Cortez, 2008.

ARAÚJO, M. K.; NEPOMUCENO, N. A. S.; VASCONCELOS, A. K. P. **A utilização do celular como recurso pedagógico em sala de aula**. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CONEDU, 2024.

BELTRAN-PEDREROS, Sandra; BÉRGAMO, Luciano; GODINHO, Jones. **Aquele problema chamado celular: o uso do celular como ferramenta de ensino e aprendizagem**. *Informação & Educação: Teoria e Prática* v. 29, n. 3, 2021.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018.

BRASIL. **Lei nº 15.100, de 4 de janeiro de 2025. Dispõe sobre a utilização de aparelhos eletrônicos portáteis nos estabelecimentos de ensino da educação básica**.

BRASIL. Lei nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025. Dispõe sobre o uso de aparelhos eletrônicos em ambientes escolares. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 14 jan. 2025.

COSTA, Tatiane Olívia Riffel da. **Estudo sobre a contribuição dos aplicativos de celular na produção textual dos alunos do ensino médio**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.

DUQUE, Ronaldo; MENEZES, Fernanda; OLIVEIRA, Carla. **Aprendizagem móvel e competências digitais no ensino médio**. Curitiba: Appris, 2023.

FARIAS, Alinne Siqueira; SILVA, Beatriz Souza. **O impacto das tecnologias digitais no ensino de língua portuguesa: desafios e potencialidades**. Instituto Federal do Espírito Santo, 2024.

FAVA, Maria de Lourdes Meirelles. **Tecnologia e cultura digital: práticas e reflexões**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GABRIEL, Paula. **A formação do professor na era digital**. *Revista Educação e Tecnologia*, v. 3, n. 1, p. 23–31, 2013.

GARCIA, Daniela Nogueira de Moraes; ALEXANDRE FILHO, Paulo. **O uso do celular em práticas de leitura e escrita na Educação Básica: compartilhando perspectivas de multiletramentos.** *Revista Cocar*, v. 14, n. 30, p. 1–15, 2020.

HINO, Márcia Cassitas. **Desafios da educação na era da tecnologia.** *Trabalho & Educação*, v. 28, n. 1, p. 1–15, 2019.

KANHACK, Mônica; SILVA, Elaine. **Redes sociais na educação.** São Paulo: Cortez, 2012.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação.** 2. ed. Campinas: Papirus, 2007.

KOCH, Ingedore Villaça. **A coerência textual.** São Paulo: Contexto, 1989.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 2010.

LEFFA, Vilson J.; GORSKI, Edson; MOTTA, João. **Leitura e escrita no mundo digital: práticas, gêneros e linguagens.** Porto Alegre: Edipucrs, 2018.

LOPES, Priscila Almeida; PIMENTA, Cintia Cerqueira Cunha. **O uso do celular em sala de aula como ferramenta pedagógica: benefícios e desafios.** *Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica*, v. 3, n. 1, p. 52–66, 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARTIN, Livia da Silva Neiva; TOSCHI, Mirza Seabra. **Celular na escola: políticas, usos e desafios pedagógicos.** *Revista Inter-Ação*, v. 39, n. 3, p. 557–574, 2014.

MATOS, Manoel Rodrigues de Abreu; SOUZA, Batistinha de. **Educação e contemporaneidade: o celular como recurso pedagógico.** *Revista Rios*, v. 29, p. 1–15, 2021.

MELO, Fabíola. **A integração das tecnologias na prática docente.** *Revista Educação em Debate*, n. 6, p. 10–22, 2015.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). MEC orienta como garantir uso pedagógico do celular na escola. 2025.

MORAN, José Manuel. Autor do livro: **A educação que desejamos novos desafios e como chegar lá.** Campinas: Papirus, 2007.

NAKAMURA, Élida. **Tecnologias digitais no ensino de Língua Portuguesa: possibilidades e desafios**. Revista IIS Científic, v. 2, n. 4, 2025.

PAIXÃO, Sergio Vale da; MAFRA, Núbio Delanne Ferraz. **A produção escrita nas redes sociais e o uso das tecnologias em sala de aula: possibilidades de trabalho**. PUC-Rio, 2012.

PASSARELLI, Lilian Ghiuro. **Ensino e correção na produção de textos escolares/ Lilian Ghiuro Passarelli**.- 1. ed. – São Paulo : Telo, 2012.

RAMOS, Gisele Brancher. **A utilização do celular como recurso didático no ensino médio**. Porto Alegre: UFRGS, 2015.

RIBEIRO, Poliana Brito Sena; ARAGÃO, Rodrigo Camargo. **Sites de redes sociais, multiletramentos e o ensino de Língua Portuguesa**. *Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v. 27, jan./jun. 2017.

SANTOS, Letícia Maria Pereira dos. **O uso do celular nas aulas de Língua Portuguesa: viajando pelo mundo das expressões idiomáticas**. Uberlândia: UFU, 2020.

SÃO PAULO (Estado). **Educação de São Paulo define regras e orientações sobre o uso de celulares nas escolas**. *Secretaria da Educação*, 2024. Acesso em: 3 jun. 2025.

SARTORI, Adriane Teresinha. *O processo de produção de textos escritos na escola: teorias e práticas*. Porto Alegre: Pedro & João Editores, 2019.

SCHLEMMER, Eliane; SCHUSTER, Bruna Elisa. **Dispositivos móveis e gamificação para o desenvolvimento de prática pedagógica no ensino fundamental**. 2017.

SILVA, João; SANTOS, Maria. **Uso ético das tecnologias**. DIO, 2020.

SOUSA, Renata; MOITA, Fernanda; CARVALHO, Adalberto. **Tecnologia e educação: interfaces e possibilidades**. São Paulo: Cortez, 2011.

SOUZA, Pedro; ALMEIDA, Carla; FERREIRA, Lucas. **Desigualdade e tecnologia sob a luz da Critical Legal Studies**. *ResearchGate*, 2025.

VOIGT, Valmor; LIMA, Eliane; MARTINS, Aline. **Tecnologias na educação: práticas e reflexões**. Curitiba: Editora CRV, 2010.

ANEXOS

ANEXO A**QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO**

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
JOSIANE SANTOS DOS SANTOS

O USO DO CELULAR COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA PRODUÇÃO DE TEXTOS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO

1. O uso do celular nas aulas de Língua Portuguesa ajudaria a tornar as aulas mais dinâmicas e interativas?

2. Com que frequência você utiliza o celular para fins educacionais nas aulas de Língua Portuguesa?
 Sempre
 Frequentemente
 Raramente
 Nunca

3. Quais recursos do celular você já utilizou para auxiliar na produção de textos?
(Marque todas as opções que se aplicam.)
 Aplicativos de anotações (ex: Google Keep, Evernote)
 Processadores de texto (ex: Google Docs, Word)
 Dicionários e corretores ortográficos online
 Aplicativos de inteligência artificial (ex: ChatGPT, Grammarly)
 Plataformas educacionais (ex: Google Sala de Aula, Redação Nota 1000)
 Outros: _____

4. Na sua opinião, quais são os principais benefícios do uso do celular na produção textual? (Escolha até duas opções.)
 Maior motivação para escrever
 Facilidade de acesso a informações e referências

- Uso de corretores ortográficos e dicionários digitais
- Possibilidade de escrita colaborativa e compartilhamento de textos
- Outros: _____

5. Que tipo de atividades envolvendo o celular você já realizou nas aulas de Língua Portuguesa? (Marque todas as opções que se aplicam.)

- Pesquisa de informações para produção textual
- Escrita e edição de textos diretamente no celular
- Uso de aplicativos para revisar ortografia e gramática
- Produção de conteúdos multimodais (ex: podcasts, vídeos explicativos)
- Discussões e escrita colaborativa em plataformas online
- Nunca realizei atividades com o celular na aula de Língua Portuguesa

6. Na sua opinião, como o professor poderia integrar melhor o celular nas atividades de produção textual? (Resposta aberta)

7. Você considera que o uso do celular pode melhorar sua escrita e aprendizado em Língua Portuguesa? Explique sua resposta. (Resposta aberta)

EU, _____
AUTORIZO A DIVULGAÇÃO DA ENTREVISTA PARA FINS DE PESQUISA.
DATA: __/__/____

ANEXO B**ENTREVISTA APLICADA AOS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA**

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
ACADÊMICA: JOSIANE SANTOS DOS SANTOS

O USO DO CELULAR COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA PRODUÇÃO DE TEXTOS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO

1. Você já utilizou o celular como ferramenta pedagógica em suas aulas de Língua Portuguesa? Se sim, como?
2. Quais metodologias você costuma adotar para incentivar a produção textual dos alunos?
3. Você percebe algum impacto positivo na motivação dos alunos quando o celular é utilizado para atividades de escrita? Explique.
4. Quais dificuldades ou desafios você enfrenta ao tentar integrar o celular no ensino da produção textual?
5. Você acredita que o uso do celular pode melhorar a qualidade dos textos produzidos pelos alunos? Por quê?
6. Como você lida com possíveis distrações e usos inadequados do celular durante as atividades pedagógicas?
7. Qual a sua opinião sobre a lei que proíbe o uso do celular em sala de aula?

EU, _____
AUTORIZO A DIVULGAÇÃO DA ENTREVISTA PARA FINS DE PESQUISA.
DATA: __/__/__

ANEXO C
ENTREVISTA GESTOR E PEDAGOGA

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
ACADÊMICA: JOSIANE SANTOS DOS SANTOS

**O USO DO CELULAR COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA PRODUÇÃO DE
TEXTOS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO**

1. Qual é a opinião da escola sobre o uso do celular em sala de aula? Vocês veem mais benefícios ou desafios na sua utilização?
2. Considerando a lei que restringe o uso de celulares na escola, como a direção acredita que podemos conciliar essa legislação com a realidade dos alunos, que já usam o celular em suas vidas diárias?
3. Na sua visão, qual é o papel do celular na educação atualmente? Vocês o consideram uma ferramenta útil ou uma distração no processo de ensino-aprendizagem?

ANEXO D

PRODUÇÃO TEXTUAL DE UM ALUNO

"A Cultura do Cancelamento: um avanço ou um retrocesso para a sociedade?"

A cultura do cancelamento virou um tema muito falado nos últimos tempos. A ideia é simples: quando alguém, famoso ou não, faz algo considerado errado, a internet reage com críticas, boicotes e até exclusões.

O cancelamento pode até ter um lado positivo, afinal, muita coisa errada que era varrida pra debaixo do tapete agora vem à tona. É bom ver que as pessoas estão mais conscientes e exigindo respeito. Já que, ao mesmo tempo, esse movimento tem se tornado exagerado. Às vezes, basta uma frase mal colocada ou um erro antigo pra alguém ser completamente atacado.

O grande problema é que se esquece que todo mundo erra e que as pessoas podem mudar. Ao invés de cancelar alguém de vez, por que não dar espaço pro diálogo e pra evolução? Ninguém aprende sendo só criticado e jogado fora.

Portanto, a cultura do cancelamento pode até ter surgido com uma boa intenção, mas, da forma como vem sendo aplicada, mais afasta do que aproxima a sociedade de uma mudança real. Cancelar sem ouvir, sem permitir aprendizado, não transforma ninguém. É preciso saber criticar com responsabilidade, abrir espaço para o diálogo e entender que evolução exige tempo. A sociedade precisa mais de justiça do que de punição, mais de consciência do que de condenações sumárias. Cancelar pode até ser o começo de uma conversa, mas nunca deve ser o fim dela.

ANEXO E

PRODUÇÃO TEXTUAL DE UM ALUNO

"A cultura do cancelamento: um avanço ou um retrocesso para a sociedade?"

A cultura do cancelamento se tornou um fenômeno social recorrente nas redes sociais. Trata-se da exposição pública de atitudes consideradas ofensivas, com o objetivo de boicotar seus autores. Embora surja como ferramenta de responsabilização, é necessário refletir se essa prática, de fato, contribui para o progresso social ou se representa um retrocesso no debate democrático.

Por um lado, o cancelamento pode ser considerado um avanço. Ele deu visibilidade a grupos historicamente silenciados e promoveu a cobrança por posturas mais éticas de figuras públicas. Segundo a filósofa Hannah Arendt, "o poder surge quando as pessoas agem em conjunto", e o cancelamento é, em muitos casos, uma forma de ação coletiva contra a opressão.

No entanto, quando aplicado de forma exagerada, o cancelamento se torna problemático. Muitas vezes, a punição é desproporcional, o julgamento é imediato e não há espaço para diálogo. Zygmunt Bauman, ao falar sobre a modernidade líquida, já alertava para a superficialidade das relações, o que se reflete nessa cultura de exclusão virtual, que prioriza a condenação em vez da educação.

Assim, embora o cancelamento possa ter efeitos positivos, seu uso indiscriminado impede o diálogo e fragiliza a liberdade de expressão. Como defendeu Paulo Freire, é pela educação que se promove a transformação social. Logo, é urgente substituir o cancelamento impulsionado por uma cultura de escuta, reflexão e construção coletiva.

Portanto, é papel da sociedade e das instituições educacionais incentivar o pensamento crítico e o respeito ao debate, promovendo ambientes em que o erro seja tratado como oportunidade de crescimento, e não como sentença definitiva.